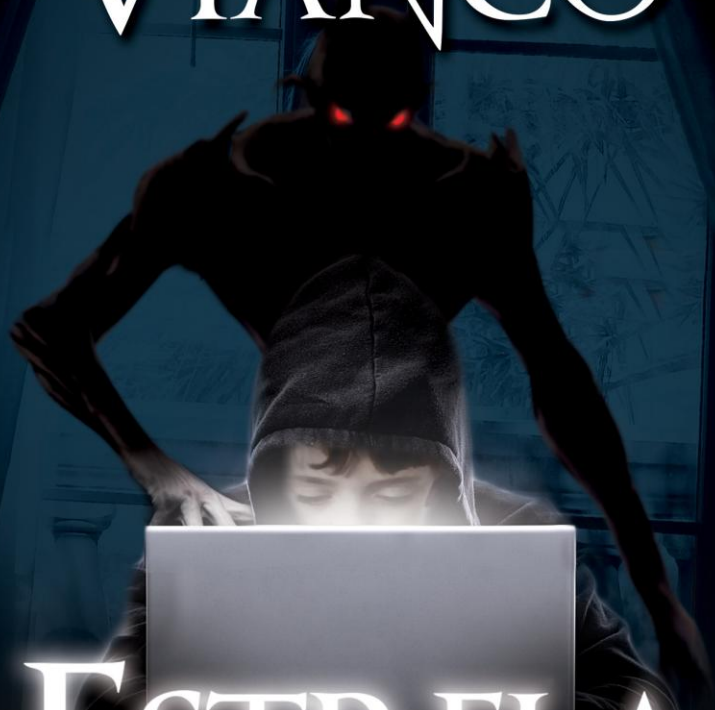


ANDRÉ VIANCO



ESTRELA DA MANHÃ

7 DIAS. 7 NOMES. 7 MORTES.

CALÍOPE
████████████████████

André Vianco

Estrela da Manhã

7 nomes. 7 dias. 7 mortes.

Este livro é dedicado a minhas meninas, Giulia, Nathalia e Bruna.

Capítulo 1

Rafael olhava incrédulo para o copo sobre a toalha de mesa branca. A casa dormia e ele, sozinho com o barulho da geladeira, rasgava a madrugada em busca de ajuda do outro lado. O lado onde os vivos não podiam ir enquanto estivessem vivos, mas de onde os espíritos bravos e aventureiros podiam voltar se fossem corretamente evocados. Inclusive o seu pai.

O menino era íntimo do ocultismo, pois tudo o que ele queria no momento estava do lado de lá. Precisava falar com seu pai. Enviar-lhe um pedido de socorro. Um S.O.S. Apesar da mãe bem viva que dormia no quarto e do irmão mais velho que agora roncava na cama ao lado da sua, no quarto dos meninos, sentia-se sozinho.

Mesmo com todas as horas infinitas lendo livros e visitando *sites* que falavam do obscuro, lutando para aprender como ser ouvido pelo pai lá do outro lado, ficou surpreso quando o copo se moveu. Ainda que o ritual que tinha montado, seguindo direitinho, pela tela do seu *smartphone*, o tutorial legendado do Youtube postado por uma garota com cabelos azuis e verdes, que morava sozinha numa sobreloja na Rue Louis Aragon, em La Possession, do outro lado do mundo, presa numa ilha, fosse para isso mesmo, era difícil evitar o fascínio. Ver um objeto comum transformado num dispositivo de comunicação com os mortos. Era surpreendente ver o copo mover-se sozinho. Não tinha mais ninguém ali. Só ele e aquele copo. Então, naquele exato momento em que o copo ia para a letra “h”, era quase certo que existisse algo mais ali, invisível, imaterial, com um dedo sobre o vidro, arrastando o copo pela toalha branca, maculada pela letra de Rafael, que tinha escrito com pedacinhos de carvão o alfabeto na parte de baixo da toalha e colocado os números do zero ao nove na parte de cima, escrito “entrada”, à sua esquerda, e “saída”, à sua direita, e também desenhado um círculo no centro da toalha, ladeado pelas palavras “sim” e “não”.

O menino passou a respirar pesado. Sua primeira pergunta foi sumariamente ignorada pelo vidro insensível. Ele não respondeu se era seu pai. Se fosse o seu pai ele não resistiria e diria ao filho que estava ali. Davam-se tão bem que não tinham segredos.

O pai não se acanharia de estar morto e de estar ansioso para contatar o filho tanto quanto o filho estava em contatá-lo. Rapidamente anotou no verso de uma folha de lição de casa as primeiras letras das quais se lembrava. O contato com o além tinha demorado tanto para dar certo que seria um desrespeito esquecer-se de anotar o recado. Tinham sido quatro letras até agora. “Dhph”. O copo se moveu mais uma vez. Outro “d”, um “o”, e continuou deslizando pela toalha branca.

O normal para um menino de onze anos, talvez em qualquer idade, seria estar paralisado de medo diante de um copo “fantasma” que deslizava pela mesa, mas Rafael tinha outros medos para se preocupar, e o copo dançarino estava mais próximo da ponta da solução do que do problema. O copo enfeitiçado lhe traria a resposta. Traria seu pai e, com isso, proteção. Estava cansado de apanhar do Maguila. O valentão sempre vinha acompanhado por outros moleques e fazia da sua vida na escola um inferno. Por isso se sentia sozinho. Tinha pedido ajuda para a mãe, mas era sempre a mesma coisa. A mãe chegava em casa estressada e cansada do trabalho, preparava o jantar correndo e tudo o que queria era um pouco de paz e tranquilidade na frente da TV e do celular. Ela não queria ouvir seus problemas e Rafael sabia muito bem por que. Porque ela sentia falta do marido também. Carregava sozinha o peso de manter aquela casa, pagando as contas e custeando seus estudos numa escola decente, mas infelizmente mal frequentada.

O irmão, Beto, também não lhe dava ouvidos. Era bem mais velho que ele, com vinte anos agora, já tinha seu emprego, mas não ajudava a mãe porque era um egoísta fissurado em seu carro esportivo e só tinha tempo para Darla, para o carro e o trabalho, meio que nessa ordem.

Darla era um Oásis que frequentava a sua casa. Era a única que, apesar de não escutá-lo direito, talvez por achá-lo pequeno demais, ao menos conversava com ele. Às vezes conversava de verdade quando o Beto demorava no banho antes de eles saírem e voltarem bêbados.

Rafael só tinha paz quando estava com Renata, sua melhor amiga na escola e, de quebra, a menina mais linda da sala de aula, ou quando estava assistindo ao seu seriado predileto. Só de pensar que “O último tanque de guerra da Terra” estava chegando ao final de temporada, seu coração se afligia. A quinta temporada só começaria dali a seis meses. Era tempo demais para esperar para saber como Kate Brave e Brian Zaitsev chegariam seguros ao Forte do Destino e ficariam para sempre livres das hordas de zumbis que tinham herdado o planeta.

Enquanto a nova temporada não chegava e tampouco a infantaria do além que ele tanto buscava, restava-lhe sobreviver ao assédio do valentão. Maguila era um moleque chato e impertinente e, acima de tudo, mimado. Não sabia escutar um não como resposta. Eram mais forte e mais alto que ele e vivia cercado por aquele bando baba-ovos, por isso Rafael sentia que não tinha chances quando o inimigo chegava perto. Eles o cercavam como uma matilha de cães raivosos, cheios de brincadeiras sem graça e apostas ridículas. Estava cansado de apanhar por nada. Rafael nem precisava fazer nada, bastava respirar de um jeito diferente, de um jeito que Maguila achava que não era certo respirar, e pau! Lá vinha uma chuva de sopapos, pescoções e empurrões que terminavam com ele caído e, muitas vezes, sangrando por algum corte ou arranhão no corpo. Sua mãe não fazia nada. Ia colocando panos quentes, dizendo que Maguila tinha problemas mentais, que vivia em terapia e que um dia entenderia que não era daquele jeito que se levava a vida, e, enquanto isso, ele, Rafael, tinha que ser um homenzinho valente e aguentar as porradas da vida e ficar longe dele o máximo possível.

Rafael até sabia por que a mãe ficava naquele blá-blá-blá e não partia para a ação, mas saber a resposta não diminuía a sua indignação. A mãe trabalhava para dona Beatriz, a mãe do Maguila. Era funcionária da mãe do inimigo numa clínica de estética. E dizia que não estava fácil arrumar emprego numa cidade como aquela, que dona Beatriz era muito poderosa e que se ficasse arrumando coisas contra o bebezinho de ouro da patroa ia ter dificuldade para conseguir outro serviço na cidade. Sua mãe era igual à diretora, igual à professora. Todas faziam vista grossa. As funcionárias do colégio eram paparicadas e compradas pela dona Beatriz, que não economizava em distribuir a elas “vales-estética”, servindo-as com o que havia de mais moderno em sua clínica de beleza feminina.

Seu irmão, que deveria apoiá-lo, escutar suas queixas, não ajudava em nada. Beto, que era grande e corajoso, escarnecia de seus problemas com Maguila, rindo e fazendo pouco-caso. Dizia que ele tinha que ser homem e enfiar a mão na cara do Fábio Eduardo. Para piorar, quando o irmão ficava irritado com qualquer coisinha, por mais besta que fosse, até mesmo com perturbações que viessem do trabalho ou do seu relacionamento de amor e ódio com Darla, sempre, mas sempre mesmo, sobrava para ele.

A expertise de Beto eram os cascudos bem aplicados. Doíam que era o diabo, mas, no fundo no fundo daquele coração de onze anos, o que mais doía era não poder

contar com o apoio do irmão para entender melhor o que era aquela droga de ser pré-adolescente e não encontrar nele, na falta do pai, a figura masculina que oferecesse alguma ajuda, um modelo, um suporte, uma mão para ser enfiada no meio da fuça do Maguila. A despeito da indiferença de todos eles, exceto de Renata, ele sofria com os valentões do colégio dia após dia, e isso perduraria até que tomasse uma resolução extrema. Rafael, de verdade (apesar de muitas vezes desejar e até sonhar com isso), não acreditava que a violência resolveria seus problemas. Precisava mesmo era daquilo, de alguém que o ouvisse do outro lado do manto, o lugar onde os mortos habitavam e viam e conheciam coisas que os vivos não alcançavam. Ainda que aquele amontoado de letras e números oferecidos pelo copo não fizesse sentido para ele, o sentido seria encontrado, e Rafael desconfiava que finalmente alguém lhe daria ouvidos e que seus problemas com Maguila seriam abreviados.

No jantar, mais cedo, ninguém perguntou sobre o roxo no seu queixo. Beto estava ocupado em frente à TV, falando com Darla deitada no seu colo, contando a ele sobre as novidades que estavam implantando no colégio. Ela trabalhava na secretaria da escola e, às vezes, bem de vez em quando, percebendo o abuso sofrido por Rafael, dava um jeito de, invisivelmente, criar problemas ou desviar a atenção de Maguila.

A namorada do irmão era bonita e engraçada, parecendo uma das encantadoras mulheres que surgiam no seriado “O último tanque de guerra da Terra”. Rafael gostava quando ela vinha. Quando Beto era escroto, sendo rabugento com tudo e até com a sua sombra, ela sempre intervinha e o defendia. Dizia que sabia muito bem como era chato ser filho caçula, com um monte de gente dizendo o que você tinha que fazer e onde tinha que ficar. Ela também era a mais nova de uma família de quatro irmãos. Darla dividia um apartamento com uma amiga no centro da cidade e trabalhava no colégio para pagar os estudos. Rafa vivia ouvindo a mãe Vera dizendo para Beto ter juízo, cuidar bem da namorada, porque ela era esforçada e independente e parecia ser uma menina de ouro.

Rafael, embevecido pela cordialidade de Darla, às vezes tinha vontade de pedir para ela deixá-lo ir morar lá com as duas, mas sabia que a mãe e o irmão não iriam topor de jeito nenhum. Mesmo que eles não tivessem tempo para ouvi-lo ou ajudá-lo com os problemas que tinha na escola, também não permitiriam que outros se intrometessem, que amenizassem as coisas. Pareciam querer que ele se ferrasse sozinho, que ele desse um jeito e se virasse contra a turma de meninos baderneiros com as próprias mãos e ideias. Que não reclamassem quando ele fizesse uma loucura, então!

Quando as crises explodiam e a mãe ainda perguntava sobre as escoriações e os hematomas que brotavam em sua pele, ficava doida da vida e dizia coisas e xingava o mimado do Maguila, mas não ousava levar as queixas adiante. Morria de medo de perder o emprego. Até ele, Rafael, sabia que dona Beatriz era vaidosa demais para que qualquer um chegasse e dissesse umas verdades sobre o Fábio Eduardo bem no meio da sua cara de nariz arrebitado. Maguila. Apelido besta.

Quando voltou ao quarto que dividia com o irmão, depois de descartar propriamente o copo usado no ritual, Rafael ficou olhando para a parede por um tempo. Estava distraído, mergulhado em pensamentos, sem prestar atenção nos pôsteres da banda Plantação, do seriado do tanque de guerra, com Brian e Kate sentados sobre a blindagem do imponente T-34 e de *video games*, todos pendurados do seu lado do quarto, acima de sua cama. Pensava no enigma do copo e também em seu pai. Existia alguma chance de aquele código ser algo enviado por ele? O copo tinha se movido, logo todas as possibilidades estavam francamente abertas. Poderia ter sido o seu pai tentando lhe dar uma força com o caso do Maguila. Deitou-se e tirou as meias, tocou o terço que tinha na cabeceira e benzeu-se.

O pai. Era sempre assim na hora em que ia dormir. Ficava pensando no pai e rememorando a época antes de sua morte porque acreditava que, se pensasse e revivesse o passado bastante tempo antes de dormir, sonharia com o pai. Então fechava os olhos e via de novo seu pai chegando do trabalho, todo dia a mesma hora, quando já começava a escurecer. Chegava e passava perto dele, acariciava sua cabeça e abria um sorriso perguntando se estava tudo bem antes de ir tomar um banho demorado, para ficar limpo e vigiar a casa durante a noite para que nenhum fantasma chegasse perto de Rafael. Dizia que os fantasmas gostavam de agarrar os pobres coitados e fedidos que não tomavam banho nem escovavam os dentes antes de dormir. É claro que Rafael corria para o chuveiro e também se ensaboava todo.

Nos fins de semana, todos, iam para um parque e jogavam um pouco de bola, e o pai ensinava também alguns *katas* de caratê na época em que o Beto ainda era um menino legal.

As lembranças de Rafael começavam a ficar difusas quando ele passava a rememorar uma fase em que ele era o único menino de quimono no parque inteiro. Seu pai às vezes não estava lá e, quando estava, mal jogava bola. Ficava cansado bem mais cedo e não tinha mais ânimo para a dança oriental dos *katas* no fim do dia.

Foi nesse mesmo tempo que o Beto passou a ser a sua única companhia no parque. O pai ficava olhando os filhos, mas Beto não queria brincar com o irmão pequeno. Beto queria andar de *skate* e tirar onda de radical com os meninos mais velhos. Não tinha tempo para ser babá do pirralho mais novo. O pai ia ficando mais cansado a cada final de semana, até que começou a ficar apenas deitado na grama com a mamãe, lendo revistas e conversando sobre o futuro que nunca chegou.

Foi assim que Rafael, ainda com seus cinco anos de idade a conheceu, de perto, entrando em sua casa e levando pela mão o seu pai, sem se comover com os protestos da mãe e o choro do irmão. Insensível, ela não perguntou quantos moravam ali e quem sentiria saudades. Não contou histórias nem pediu um copo de água, agindo silenciosa. Mesmo pequeno e ingênuo, sabia que era ela. A dona do relógio e dos propósitos, a senhora que tinha o nome dito à boca pequena. Ninguém gostava de falar seu nome alto ou inteiro. Era ela. A Dona Morte.

Capítulo 2

Rafael contou as moedas no fundo do bolso, adivinhando o valor pelo formato de cada uma. Renata estava a sua frente na fila da cantina, balançando a cabeça com o fone de ouvido, mas de olhos abertos, atenta à turma do Maguila. Renata era um tipo de anjo da guarda. Parecia ser a única pessoa sã no colégio que via que Maguila o perseguia e, por qualquer motivo, dos mais bestas, como, por exemplo, se a previsão do tempo mudasse na Malásia, ele se irritaria e colocaria a culpa nele, Rafael. É claro que ia começar a criar confusão e a fazer tolices como colocar o pé em sua frente para ele tropeçar, fazendo-o cair no meio do pátio. Não bastasse o tombo e a dor no joelho, possivelmente, ainda viria a humilhação porque Maguila sempre, mas sempre exigia que ele, Rafael, pedisse desculpas por ter tropeçado nele.

Rafael tinha até defendido seu orgulho umas duas vezes, mas bastaram os socos no estômago para achar que pedir desculpas na frente dos outros para poupá-lo da dor física não era tão ruim assim. Já Renata não dava mole. Por alguma razão, talvez porque ela fosse menina ou talvez porque Maguila nutrisse algum sentimento bizarro por aquela garota linda, de cabelos encaracolados e pele cor de chocolate, ele e seu bando não implicavam com ela, mas marcavam o momento para uma forra na hora da saída. Por essas e outras Rafael era quase um míssil teleguiado com destino certo para sua casa.

Se Renata até aquele momento não havia lhe dado um cutucão na fila do lanche era porque a barra estava limpa e Maguila e seus asseclas estavam longe. Por costume olhou para trás aliviado ao confirmar que o valentão e os outros moleques de seu bando rumavam para a quadra para jogar bola. Paz! Rafael até sorriu de forma involuntária. Quando eles jogavam bola, esqueciam-se dele, esqueciam-se de Renata e só pensavam naquela coisa de chutar bola pra lá e pra cá e um ficar empurrando o outro e gritando palavrões, dizendo que isso e aquilo eram faltas.

Ter sorrido ao ver o grupo se afastar dizia muita coisa. Por isso ele escondeu o sorriso quando Renata olhou para ele. Ela sabia o que o sorriso significava e saberia que ele, seu amigo, era um covardão. Estava farto daquela perseguição e, quando estava em casa, não tinha nem vontade mais de sair de seu quarto por causa da situação. Não andava mais de *skate*, não ia mais para a praça porque podia trombar com Maguila e seu

mau humor a qualquer instante. Seu quarto era seu refúgio seguro e seu celular era sua garrafa com uma mensagem dentro que navegava em águas desconhecidas, procurando uma forma de conectá-lo a um *site* ou portal de conhecimento que desse um jeito naquela clausura em que ele vivia, ilhado em sua própria cama e naquela angústia que ele ainda não reconhecia por aquele nome que os adultos falavam com nojo ou com certo tom de deboche quando se referiam aos outros enfermos da alma, a tal da depressão. Apesar de ele ter recolhido rápido o sorriso ali na fila, Renata era boa em observá-lo. Ela tirou os fones de ouvido e também sorriu.

– Adoro o seu sorriso, Rafa. Adoro quando aqueles pestes estão longe e você consegue ficar assim.

Rafael ergueu os ombros, sentiu as bochechas quentes.

– Assim, como?

– Não sei. Parece mais leve. Parece até feliz.

Rafael olhou para a quadra e sorriu de novo. Renata passou a mão no seu braço de forma reconfortante. Felicidade era uma coisa que tinha ficado para trás em sua vida, lá naquelas tardes no parque, sob a sombra daquele homem que o protegia e contava histórias de super-heróis incríveis para ele antes de dormir. Agora sentia que só seria feliz de novo se um raio caísse do céu e acertasse Maguila em cheio, transformando sua existência em pó.

Renata virou-se para a frente e pagou pelas fichas de suco e um misto-quente. Rafael tirou as moedas do bolso e encostou no balcão.

– Eu falei pra minha mãe como o Maguila e o Bismark são escrotos. Ela falou que o seu pai tinha que dar uma surra neles.

Rafael ia abrir a boca quando Renata a tapou com a mão.

– Shhh! Ela não sabia que seu pai morreu. Daí eu contei pra ela e ela disse que então a sua mãe tinha que dar um pau neles. Daí eu falei que violência não se resolve com mais violência e ela ficou de cara comigo.

Rafael riu imaginando a cara espantada da mãe de Renata.

– Daí ela me falou do Conselho Tutelar. É uma parada do governo, da prefeitura, sei lá, só sei que toda cidade tem um Conselho Tutelar. Você tem que ir lá com sua mãe e contar tudo o que está acontecendo aqui no colégio, aí um conselheiro vem aqui no colégio ou vai no trabalho da mãe do Maguila e enquadra eles.

O garoto deu de ombros olhando para a vitrine. Pediu um suco de laranja e um saquinho de “Bolotas de Energia”.

– A minha mãe nunca vai fazer nada. Ela tem medo de perder o emprego. Ela trabalha pra dona Beatriz.

– Pois é, eu imaginei. Daí eu fiquei dando uma fuçadinha no meu celular e vem ver uma coisa.

Os dois se afastaram da cantina e se sentaram num banco do pátio. Renata mastigava rápido enquanto seus olhos passavam ligeiros pela tela do *smartphone*. Rafael sugou o canudo e abriu o pacotinho de “Bolotas de Energia”, um cereal recoberto por chocolate que, segundo o rótulo, garantia o triplo de energia para as suas mais loucas aventuras.

– Se liga nisso, Rafa. Eu achei a solução do seu problema com o Maguila.

– Sério? – perguntou o menino, não muito animado. – O que é? Achou algum lugar que doa tanques de guerra soviéticos para garotos ameaçados na escola?

– Não. Não é o último tanque de guerra da Terra, seu tonto, mas é da hora. Olha antes de ficar com mimimi, pobrezinho de mim, sou ameaçado!

Rafael pegou o celular de Renata e abriu um sorriso.

– Só você mesmo. É um aplicativo?

– É. Segurança por hora.

– E o que é isso?

– Ué! É isso mesmo que você está lendo na tela. Você tem que baixar esse app agora!

– Segurança por hora? Eu não tenho grana pra isso, Renata.

A menina abriu o aplicativo e fez seu *login*.

– Ssssh! Se você me escutasse mais, sofreria menos. Olha isso, que prático. Onde esse mundo vai parar? Você clica e contrata um segurança particular.

Rafael engoliu mais uma porção de Bolotas de Energia. Queria que aquela força prometida na embalagem se manifestasse e ele conseguisse arremessar o Maguila para o outro lado da cidade.

– Você precisa ver o nome dos caras – continuou a menina, empolgada. – Quanto mais famosos e mais estrelinhas, mais caros eles são, mas tem uns baratinhos até. Tem que ler as opiniões dos usuários.

Rafael viu uma série de fotografias surgindo debaixo do ícone “Seguranças privados perto de você”.

– Olha esse – Renata ergueu o celular. – Dá pra você entrar no perfil do cara. Esse Orlando é gigante. Olha esses músculos. Ele ia conseguir martelar a cabeça do Maguila com uma mão só.

Realmente o tal do Orlando era forte. Tinha umas vinte fotos ali, levantando peso, de quimono, de terno e gravata. Segurando uma pistola e com aqueles protetores auriculares imensos num estande de tiros. Coisa fina. *Profíssa*.

– O cara é bom, mas olha o preço da hora. Olha!

– Cento e quinta. Caramba – resmungou Renata. – Minha mesada não dá nem para uma hora desse cara. Eu acho que tenho cem contos guardados.

– É. Tou enrascado mesmo. Em uma hora algum deles ia conseguir resolver o meu problema?

– Olha o tamanho do braço desse cara, Rafa! Olha o tamanho dessa pistola! É maior que aquela que Kate Brave encontra na segunda temporada. Ele ia triturar o Maguila ou fazer ele voltar pra casa todo cagado. Em menos de uma hora.

– Será que estudante paga meia? – perguntou Rafael intrigado, olhando para a tela do celular. O plano de Renata poderia dar certo.

– Mas tem outros mais em conta. Eu faço uma lista e mando pra você mais tarde, mas, de verdade, mano, de verdade eu acho que você TEM que baixar esse aplicativo. Cara, eu acho que só de você mostrar esses caras para o Maguila ele vai se borrar todo.

– É. Pode até funcionar. E eu nem ia ganhar nenhum dinheiro com isso.

– Se ele sair do seu pé, isso vai ser ótimo.

Rafael terminou seu suco e ficou mastigando o saquinho de cereais, olhando para a quadra. A amiga tinha tido uma ótima ideia. Uma ideia excelente. Uma ideia do mundo real.

Quando o sinal do fim da aula bateu, como sempre, Rafael foi o primeiro a se arrancar da carteira e descer os corredores apressado. Passou pelo portão e parou na esquina onde sempre esperava Renata. A amiga ficava conversando com as outras colegas de classe e demorava um tempão atualizando as fofocas e trocando arquivos de música e fotografias. Ele ficava na esquina, a salvo, longe de Maguila. Às vezes passava

um dos meninos do bando do valentão, mas eles, sozinhos, nunca faziam nada. Na verdade, dois deles, o Bismark e o Ícaro, eram até gente fina e conversavam com ele de vez em quando. Mas, quando estavam todos juntos, Maguila parecia um tipo de líder maléfico que tinha o dom de atrair tudo de ruim que tinha uma pessoa. Até ele mesmo se sentia pior por causa do Maguila. Não só pelo fato de viver tendo se esconder do valentão e virar saco de pancadas quase toda semana. Mas achava estranha aquela satisfação que tinha quando imaginava Maguila se dando mal, *tipo* sendo socado por um segurança contratado por hora. Atravessando uma rua sem olhar, sendo atropelado e voando pelos ares, caindo com os dois braços quebrados, chorando como um bebezinho abandonado no meio-fio. Chegava até a achar gostosa a ideia de acordar um dia e, simplesmente, descobrir que Maguila não existia mais, tinha partido desta para melhor. Por isso a contribuição de Renata era uma ótima ideia! Talvez valer-se de um brucutu maior que o brucutu que o afligia fosse o único jeito de dar fim àquilo.

Durante o caminho Renata tagarelou sem parar ao seu lado, dizendo algo sobre o seriado favorito em comum que assistiam separados, mas que comentavam pelo celular o dia inteiro quando não tinham que se matar de estudar, começando o *streaming* na mesma hora, cada um em sua casa, e trocando mensagens instantâneas a cada momento maneira que se desenrolava diante das telas de seus celulares. Mas aquele dia ele não estava ouvindo nada. Estava pensando. Não tinha contado para Renata sobre o resultado da brincadeira do copo e agora, com os momentos decisivos da vida de Kate e Brian no seriado “O último tanque de guerra na Terra” chegando, não quis interromper a empolgação da amiga. Contratar seguranças era muito maneira, ficava imaginando uma daqueles homens preparados para combate arrastando Maguila de seu quarto e agarrando-o pelos calcanhares e fazendo com que ele desse um passeio de ponta-cabeça pela sua casa até terminar com um mergulho na piscina. Mas o que pegava era o lance da grana. Como descolar tanto dinheiro para uma mísera hora de tortura garantida? Falar com a mãe significa levar um não. Beto, como a mãe dizia, dava tchau com a mão fechada, só gastava com o carro e com a Darla e fazia questão de tratá-lo como um pirralho, sem nunca parar para conversar com ele, sobre os seus problemas, menos ainda para ajudá-lo.

Capítulo 3

Beto entrou no quarto, jogando a mochila no chão e colocando o *notebook* em cima da escrivaninha.

– Não mexe nessa merda. Tou cheio de trampo hoje.

Rafael, debruçado sobre sua apostila, resolvendo a lição de matemática, olhou rápido para o irmão, que tirava a camiseta e jogava no chão. Beto tinha o cabelo raspado do lado e uma franja meio bagunçada, semimoicano, que ele enchia com uma pasta com cheiro de menta para deixá-lo para cima. Diferente de Rafael, Beto tinha os olhos verdes, iguais aos do pai, e fazia sucesso com as meninas, mas só tinha olhos para Darla. Rafael achava isso legal do irmão, porque ele tinha pouquíssimas qualidades, mas uma delas era ser fiel à namorada. Darla era gatíssima. Tinha o cabelo nos ombros, pintados de vermelho como fogo e um *piercing* na língua que ela vivia colocando para fora como se coçasse os lábios com o artefato metálico. Ela, apesar de baixinha e magrela, tinha um corpo bastante atlético e atraente, e Rafael, que ainda não vivia os vapores de ficar encantado com seios e bundas, se pegava admirando a namorada do irmão, às vezes encantado com tanta beleza e força num ser só. Ela tinha olhos de mel e um sorriso largo, um sorriso repetido de quem vivia de bem com a vida, um sorriso que ele queria ter de vez em quando.

– Vou tomar uma ducha rapidão. Daqui a pouco a Darla vai colar aqui. Vamos sair pra comer um dogão.

– Posso ir? – perguntou Rafael, erguendo os olhos da apostila.

Beto ergueu as sobrancelhas e torceu os lábios.

– Não! Tá doido? Quero um pouco de paz. Não vai dar tempo da gente entrar no carro e você vai começar a tagarelar e reclamar e falar do outro moleque.

Rafael afundou na cama e a apostila de matemática pareceu encher-se de problemas insolúveis.

– Tá doido?

– Eu só queria sair com você de vez em quando.

– Ih, pivete, esquece. O lance tá corrido. Trampo, faculdade e namorada, o bicho pega. Logo você cresce e entende. Não sou mais sua babá faz tempo.

– Entendo que eu não tenho um irmão. Você só passa aqui de vez em quando e ronca nessa cama.

– Você peida. Estamos empatados.

– Onde vocês vão comer dogão?

Beto pegou um par de tênis no armário e um par de meias limpas e jogou uma toalha verde nas costas enquanto se olhava no espelho e ligava o *notebook*.

– Vamos no Refúgio do Macaco Voador.

– Hum.

Beto finalmente olhou para trás e para o irmão encoberto pela apostila.

– Um dia você vai crescer, parar de ser pentelho e descolar um trampo e também vai lá. Essa parte da vida fica pra trás e você esquece tudo

– Beto... – murmurou Rafael.

– Fala.

– Posso te pedir um treco que nunca te pedi antes?

– Ih, pivete. Lá vem bucha. Não vou te levar na Lili Madrugada. Você tá muito novo ainda.

– Eu queria uma grana.

Beto ergueu as sobrancelhas mais uma vez e ficou olhando para o irmão.

– Uma grana? Não é para ir na Lili, é?

– Que Lili?

– A Lili Madrugada. Todo pivete na sua idade quer ir na Lili Madrugada.

– O que é isso?

– Esquece. Se tu não sabe o que é essa merda, fica longe!

– Obrigado pelo conselho, mas não é pra isso.

– Desembucha. Que merda você quer comprar?

– Não quero comprar. Quero contratar.

Beto sentou na cama na frente do irmão.

– Daqui a pouco a Darla vai apertar aquela campainha e eu ainda vou estar aqui de papo-furado com você, moleque! O que você quer contratar? Fala logo.

– Um guarda-costas – disse Rafael, empolgado com a incomum atenção e acessibilidade do irmão.

Rafael pegou o celular ao seu lado e desbloqueou a tela, mostrando o aplicativo de seguranças particulares.

Beto bufou e soltou um muxoxo de deboche.

– Um guarda-costas? Fala sério? Ainda não meteu uma bica no saco daquele folgado do Maguila?

– Ele sempre vem com mais dez caras. Preciso de ajuda profissional.

– Precisa é tomar coragem nos colhões e enfiar uma bica no saco dele. Quando ele cair e ficar chorando que nem uma menininha na frente dos dez amigos dele, ele nunca mais te encara.

– Eu posso até tentar, mas toda vez ele me cerca e me bate. Olha aqui. Ninguém perguntou ontem, mas esse roxo no meu queixo é porque ele me bateu, de novo!

– É bom, pra você largar a mão de ser otário. Você não vai ter um segurança a vida toda. Eu não vou emprestar bosta de dinheiro nenhum.

– Eu te devolvo. Eu juro. Pelo amor de Deus, Beto, eu não aguento mais.

Beto levantou-se, insensível ao apelo dramático do irmão, parou na porta e olhou para ele.

– Um chute no saco. Isso resolve dilemas incríveis e é grátis.

Rafael baixou o celular, vencido. Beto tinha ido para o banheiro e não ia sair de lá até a Darla chegar. E quando voltasse do Refúgio do Macaco Voador, ele já estaria bêbado e irritado. Era sempre assim. Ele saía e enchia a cara com a Darla e, se por acaso tivessem uma briga de namorados, não era raro sobrar todo o mau humor do irmão em forma de empurrões e cascudos bem aplicados no tampo da sua cabeça. A mãe não fazia nada, cada vez mais hipnotizada pelo celular ou pela novela que não dizia nada na TV, fazendo vista grossa para seus problemas dentro e fora de casa. Aos poucos a vida dentro daquela casa ia virando um inferno.

Capítulo 4

Na tarde seguinte, Rafael e Renata vinham conversando distraídos em direção à pracinha. Estavam rindo alto, comentando as trapalhadas de Kate Brave quando ela disparou com o tanque de guerra contra a sua escola enquanto Brian Zaitsev ainda estava lá dentro, surgindo todo empoeirado, gritando e reclamando que poderia estar morto àquela hora, e passou o episódio inteirinho com um zumbido no ouvido e gritando com Kate a cada tentativa de se comunicar.

Renata amava o seriado porque achava o Brian um gato e um cara muito maneiro porque a primeira coisa que ele fez ao encontrar Kate com o último tanque de guerra do planeta foi ensiná-la a pilotar e a carregar e atirar. Kate era tipo uma super-heroína que pilotava nada mais nada menos que um tanque de guerra soviético das antigas, tunado pelo habilidoso parceiro de viagem pós-apocalíptica pelas estradas da Europa. Com os conhecimentos de engenharia de Brian, a lata velha (com todo respeito que merecia por ser um ótimo tanque de guerra ainda e pelo simples fato de ser somente o último tanque de guerra do mundo), ou melhor, o velho T-34 contava com *gadgets* de última geração, como visão noturna, visão de raio-x, *Waze* e, não menos importante, projéteis de setenta e seis milímetros que atravessavam qualquer parede de qualquer prédio das redondezas. Mas a Kate não precisou de nenhuma bala de canhão explosiva para atingir o seu alvo mais difícil na primeira temporada, o coração do lindo, megamaravilhoso, Brian Zaitsev, dentro de um uniforme militar esfarrapado (quem se importa?) e que se derretia todinho por ela, mesmo quando ela, acidentalmente, disparava com o canhão do tanque de guerra, quase o soterrando em uma escola de ensino médio infestada de zumbis.

Já Rafael amava o seriado simplesmente porque se tratava do “O último tanque de guerra da Terra”. Como não amar se imaginar pilotando aquela máquina russa pelas ruas da cidade. Seria tão doce passar por cima da casa de Maguila e não deixar um tijolo de pé. Seria tão divertido encontrar a turma do Maguila no campinho, jogando bola, e disparar uma bala explosiva de setenta e seis milímetros bem no meio da pelada e ver os pedacinhos de Maguila voando pelos ares. Dali para frente seriam apenas ele e Renata passeando com o T-34 para sempre, sem ninguém mais no mundo para encher o saco. E era exatamente sobre essa possibilidade, a de disparar contra o campinho da pracinha,

que Rafael falava agora, e ele e Renata riam desbragadamente imaginando a cara de Maguila, Bismark, Ícaro e o resto da turma. Se o último tanque de guerra da Terra parasse bem ali, na frente deles, eles iam sair todos mijados se tivessem tempo antes do *bum* do canhão.

– Ossinho!

O grito de Maguila a suas costas o fez gelar da cabeça aos pés. O maldito valentão tinha esse poder. Sua voz o fazia congelar onde estava. Detestava aquele apelido.

– Do que você e a Renatinha tanto acham graça?

Rafael virou-se, estava no meio da escada. Renata continuou descendo lentamente os degraus, ele sabia que era isso que ela queria que ele fizesse também, que chegassem ao meio da praça. Ficar parado ali na escada, longe da vista dos passantes, deixava os dois em desvantagem. Mas o problema é que parecia que seus pés tinham colado nos degraus de cimento.

– Ué? Já esqueceram a piada? Eu e o Bisma queremos rir também.

Bismark surgiu atrás de Maguila com a bola debaixo do braço.

– Hoje você não vem pro campinho – murmurou Rafael.

– Ué? Tá cuidando da minha vida agora, Ossinho? Por isso que tava todo folgado, andando devagarinho?

– Pode crer, Maguila. Ele vive saindo da escola que nem foguete. Só no dia que você vai na psicóloga ele anda que nem gente.

Maguila olhou para trás. Bismark baixou a cabeça, constrangido.

– Não teve consulta com a psicóloga hoje, Maguila? – perguntou Renata já no fim da escada.

Maguila fechou o cenho, aborrecido.

– Cuidem das suas vidas! Hoje eu não fui. A vó dela morreu!

Rafael conseguiu descongelar e um pé escorreu para o degrau debaixo enquanto Maguila vociferava com Renata e Bismark.

– Qual é o problema? Não posso ter um dia de folga? Daí encontro os dois aqui, de boa, rindo da minha cara!

Rafael desceu outro degrau, as mãos suavam contra o corrimão de ferro da escadaria.

– A gente não tava rindo da sua cara – mentiu Renata.

– Então me conta, Ossinho. O que era tão engraçado?

Rafael ergueu a cabeça e olhou para Maguila, que parecia bem maior na parte de cima da escada. O valentão começou a descer e a se aproximar dele mais rápido do que ele conseguia se afastar.

– Desce logo, Rafa! – gritou Renata.

– Hum! A mamãezinha tá cuidando de você agora, é isso? É ela que manda na sua casa, Ossinho?

– Não me chama de Ossinho. Eu não gosto.

Maguila fechou o rosto de novo e saltou dois degraus, agarrando o braço fino de Rafael e erguendo.

– Olha só pra isso. Cadê seus músculos? – disse, exibindo para Bismark. – Só tem osso.

Maguila puxou a mochila de Rafael e arremessou pela escadaria. Ela abriu no meio do caminho, deixando um rastro de cadernos e apostilas pelos degraus.

– Larga ele! – gritou Renata.

Maguila puxou a camiseta de Rafael pelo pescoço, deixando-o com o dorso nu.

– Olha isso, Bisma! Olha! É só pele e osso. Não tem comida na sua casa de pobre, não, Ossinho? Quer que eu peça pra minha mãe dar um aumento pra sua mãe? Mais uma cesta básica? E só isso que as funcionárias dela pedem o mês inteiro, me dá uma cesta básica, me dá uma cesta básica!

Maguila começou a rir e Rafael baixou a cabeça.

– Some da minha frente, Ossinho! Some voando porque você tá parecendo um franguinho com tanto osso.

O valentão ergueu o pé e enfiou no peito do menino, que perdeu o equilíbrio e rolou os nove degraus que faltavam até o final da escadaria.

Maguila parou ao lado de Renata, que estava com o rosto vermelho e exaltada.

– Eu vou te denunciar para a polícia!

Com a cara mais calma do mundo, Maguila deu de ombros.

– Denuncia. A delegada é amiga da minha mãe. Vive lá no salão dela.

Bismark ficou olhando constrangido para Rafael caído no chão e fez menção de abaixar-se para ajudá-lo a se levantar.

Rafael contraiu o rosto, esperando mais uma agressão, enquanto Renata entrou no meio e empurrou Bismark.

– Vão embora! Seus covardes!

– Covarde é esse bosta aí que precisa de você para ajudar ele. Por que você não se mata, Ossinho? Você não serve pra nada nesta vida – debochou Maguila, afastando-se e agarrando a bola debaixo do braço de Bismark.

Os dois moleques se afastaram enquanto Rafael ficava de quatro, pegando sua camiseta e a vestindo sobre os arranhões nas costas e costelas.

– Ai – gemeu o menino.

Renata estava com a expressão de desolação. A bochecha de Rafael sangrava, pois ele havia batido contra a quina de um degrau. Ela levantou a mão, tentando apalpar a ferida para ver se era só a pele que sangrava, mas teve a mão repelida.

– Para. Eu dou um jeito nisso.

Rafael tentou não chorar, mas não teve jeito. Algumas lágrimas desceram pelo seu rosto sujo, dolorido e ensanguentado enquanto ele apanhava o material esparramado em silêncio e o recolocava dentro da bolsa.

Depois, mancando, foi até uma torneira da praça e a abriu, lavando o rosto e o cotovelo, que também tinha sido arranhado e sangrava um pouquinho.

Rafael e Renata ficaram calados por um momento, ouvindo as risadas vindas dos meninos que já tinham se juntado a outros no campinho a poucos metros dali. O garoto e a menina ficaram sentados numa mureta olhando para o laguinho da praça que refletia os insistentes raios de sol que teimavam atravessar a copa das árvores.

– Rafa, você tem que falar com a diretora. Isso não pode continuar assim.

– Eu sei, mas a dona Suzana nunca presta atenção quando eu vou reclamar do Maguila. Ela só presta atenção quando eu não faço lição e a professora Tina me manda pra orientação. Aí parece até que ela tem uma bola de cristal e vem direto em mim, como uma bruxa.

– Mas andei pesquisando aqui no meu celular e vi que minha mãe tá certa. Isso que esse idiota do Maguila está fazendo é *bullying*. A diretora é obrigada a tomar uma providência, fazer alguma coisa.

– Só que ela não faz. E eu sei por quê. A mãe do Maguila vive enchendo ela de presentes, de vales-cortes grátis, de drenagem linfática, tudo do salão e da clínica bacanuda dela. E adivinha quem é que corta o cabelo da diretora Suzana?

– Sua mãe.

– Exato, Rê! Tou de saco cheio disso! Parece que tou num beco sem saída! Você ouviu? Ele disse que a delegada é amiga da mãe dele.

– Mas ele pode estar blefando.

Rafael atirou uma pedra no laguinho, fazendo-a saltitar e formar círculos concêntricos que se esparramavam.

– Se o meu pai estivesse vivo, ele não ia deixar nada disso acontecer comigo! – Rafael estava com os olhos vermelhos e pronto para chorar de novo. Inspirou fundo para segurar as lágrimas. Não queria chorar na frente de Renata. – Ele era forte, ele me ensinava caratê. Ele nunca ia deixar esses moleques...

Renata ficou de pé ao lado de Rafa e segurou sua mão, puxando-o da mureta antes que ele jogasse outra pedrinha dentro lago.

– Eu te entendo.

Renata abraçou Rafael apertado e deu um beijo em sua boca. Rafael arregalou os olhos, surpreso com o beijo. Passou as costas da mão sobre os lábios.

Renata ficou vermelha.

– Desculpa. Você não gostou? – perguntou a menina, envergonhada.

Rafael estava com o coração disparado. A luz que refletia na água brilhava no rosto dos dois.

– Eu nunca tinha beijado na boca.

Renata continuou encarando-o e raspando a ponta do pé no chão.

– Eu gostei. Gostei muito. Só não esperava. Eu nunca teria coragem de te beijar, mesmo te achando a menina mais bonita da escola.

– Você tem que falar com a diretora. Ela é obrigada pela lei a te proteger dentro da escola. Senão você pode ir até a delegacia de ensino e ao Conselho Tutelar. Você tem que fazer alguma coisa para se defender, eu tou falando sério.

Renata correu até o banco, pegou a sua bolsa e saiu em disparada pela rua.

– Rê!

A menina não parou a corrida, deixando a pracinha e sumindo na esquina.

Rafael ficou parado com um sorriso bobo no rosto e com o coração acelerado. Não se lembrava mais de Maguila e seus capangas nem do irmão babaca que tinha em casa e nem da mãe negligente. Tudo o que ele lembrava era dos lábios de Renata pressionados contra o seus. Uma proximidade quente e gostosa. Uma coisa que fazia a barriga girar gelada e a dor em sua bochecha praticamente desaparecer.

– Maneiro. Acho que a gente tá namorando.

A noite não foi muito diferente das outras noites. Sua mãe, quando chegou do trabalho, ficou indignada e aborrecida com o machucado no rosto de Rafael. Ela apertou o filho entre os braços e fez a macarronada preferida do menino, prometendo que falaria com Beatriz, que daquela vez aquela ignorância do mimado Fábio Eduardo não ia passar em branco e que aquilo tinha que ter um basta.

Rafael, das primeiras vezes que tinha escutado aquilo, tinha até ficado feliz com a mãe, achando que agora ia, que dessa vez ela ia dar um fim no seu tormento, bancando a mãe quero-quero e voando pra cima da cabeça da chata e metida dona Beatriz. Só que Rafael sabia que aquilo não ia acontecer. Conhecia aquele tom de voz e aquela indignação passageira. Depois do jantar, antes que ele terminasse de secar a louça, sua mãe estaria rindo das amenidades encontradas nas redes sociais, dizendo sobre como estava indo bem a filha de uma amiga que estava prestes a se formar em advocacia ou lembrando-se de parentes antigos que frequentavam a casa dela quando ela era criança. A mãe dizia que o avô era muito festeiro, sempre fazia churrascos e que os amigos vinham do bairro inteiro para ajudá-lo a preparar a festa ou a encher uma laje.

Acontecia que o amanhã indignado e prometido pela mãe nunca chegava. O pequeno suspirou sem entender que os adultos também tinham medo, como as crianças, mas de bichos diferentes. Tinham medo do gerente do banco e das taxas de cheque especial. Tinham medo das parcelas atrasadas da casa própria ou medo de faltar grana para comprar comida no fim do mês. Tinham medo das consequências de atos heroicos que eram muito bonitos de serem assistidos de dentro da blindagem sólida do último tanque de guerra da Terra do outro lado da tela do *smartphone*.

Antes de ir dormir, Rafael pensou em acordar Beto para desabafar, mas sabia que o mais próximo de um afago que receberia seria um novo cascudo. O seu irmão mais velho, o cara que deveria defendê-lo daquela gangue de baderneiros, estava pouco se lixando para ele. Beto só queria saber do seu trabalho e da sua namorada e já roncava na cama ao lado, cheirando a cerveja. Rafa ficou com os pés balançando na beira da cama, olhando para o irmão e o invejando. Ele dormia sem problemas. Ela nunca tinha sido azucrinado na escola e parecia não sentir saudades do pai. Rafa suspirou fundo. Pensava que ele não sentia saudades do pai porque tinha vivido mais tempo com ele ao seu lado. Tinha escutado mais os seus conselhos. Será que o pai tinha pedido para o Beto cuidar dele? Talvez não tivesse dado tempo ou talvez o Beto estivesse chateado

demais para escutar e para lembrar que irmãos mais velhos às vezes tinham que segurar as pontas das coisas e dar um *help* para os irmãos mais novos de vez em quando, ser um tipo de minipai.

Rafael passou a mão sobre a maçã do rosto dolorida e invejou o irmão profundamente. Era tão fácil ser o Beto.

O menino deitou-se na cama e cobriu a cabeça com o lençol. Uma angústia avassaladora que lançava repetidas vezes a imagem de Maguila, gigante, no topo da escada escarnecendo dele, invadia seus olhos mesmo com eles fechados, suplantando suas tentativas de evocar a tranquilidade que a imagem do pai brincando com ele no parque trazia. Ele ouvia Maguila repetindo aquele apelido odioso o tempo todo. “Ei, Ossinho!”, “Ossinho isso, Ossinho aquilo”. “Olha o frangote, é puro osso!”. E depois a sensação de voar sem querer pela escada. Queria entrar pela escotilha do último tanque de guerra da Terra e usar o rádio maneiro que o Brian Zaitsev tinha instalado no veículo e falar com seu pai, por longas horas. Mesmo que seu pai não aparecesse na sua frente, ele saberia o que dizer. Rafael deu outro suspiro pensando consigo mesmo que estava só se enganando. Não era possível seu pai resolver seus problemas apenas falando por um rádio.

Rafael tinha entrado em *sites* na *deep web*, tinha visitado e visto coisas que meninos da sua idade não deveriam ver. Ele já estava se tornando um conhecedor profundo dos inúmeros rituais que existiam para evocar espíritos de parentes que tinham viajado para o outro lado do manto. Tinha até conseguido um código indecifrável através da brincadeira do copo. Existiam centenas de rituais que prometiam te colocar em contato com alguém que já estava morto, com sua alma, com sua energia. No entanto ele sempre travava, ou na impossibilidade de reunir todos os ingredientes daqueles feitiços sombrios ou no medo do que poderia acontecer depois que certas portas fossem abertas.

Acontece que a humilhação crescente de ter que voltar praticamente correndo para casa toda vez que visse a sombra de Maguila tinha chegado a um limite. Renata não poderia ser a sua defensora eterna. Ele viraria motivo de chacota na escola, seria ainda mais zoado pela turma do valentão e, para piorar, a turma toda ia começar a tirar sarro. Seria a mesma coisa que o Brian Zaitsev deixar a Kate defendê-lo o tempo todo dos zumbis. Inspirou fundo, determinado a encontrar um ritual que pudesse trazer o seu pai do mundo dos mortos. Logo um halo de luz se formou sob o tecido esticado. Rafael olhava para a tela brilhante do celular. O aplicativo que a Renata tinha mostrado era

maneira, mas o dinheiro era impossível. Precisava de uma solução gratuita. Tinha que tentar falar de novo com o espírito da cozinha, o que tinha lhe passado o monte de letras e números. Repetir o ritual do copo era a solução.

Rafael esgueirou-se para fora da cama e ficou olhando para Beto, que ressonava. Depois abriu a porta do quarto da mãe bem devagarzinho. Ela também dormia profundamente. O garoto andou na ponta dos pés até a cozinha e abriu a gaveta de toalhas de mesa. A toalha branca estava por baixo de todas, bem onde ela a escondeu a olhos vistos. Retirou a toalha xadrez e puída da mesa e estendeu a toalha branca novamente. Ajeitou o tecido com o alfabeto escrito em carvão queimado à luz da lua cheia e abriu o armário, apanhando um novo copo de vidro e virando-o de borco no centro. Foi até outra gaveta e pegou uma vela branca, que foi acesa, e a luz da cozinha apagada. Iniciou as orações ensinadas pela mocinha de cabelo azul e verde que morava numa ilha do outro lado do mundo, caindo num ritmo de mantra, repetindo e repetindo as palavras, bem baixinho, num murmúrio audível apenas para ele e para aquele copo parado a sua frente.

De repente a cozinha parecia mais escura e fria. Um vento fantasmagórico balançou a janela de vidro sobre a pia e o copo girou no seu eixo, fazendo um sorriso nascer nos lábios de Rafael. Ele estava ali.

Rafael reclinou-se e olhou para o corredor escuro vendo a porta recostada do quarto da mãe lá no final. Olhou para o copo. Ele não se mexia, mas Rafael podia sentir a presença que vinha do mundo dos espíritos, pairando sobre a mesa da cozinha mais uma vez.

– Pai, é você? Eu preciso de ajuda. Eu preciso de você. Me escuta onde quer que você esteja.

Rafael continuou com os olhos no copo. O objeto continuou parado, impassível, sem dar resposta ou movimento algum, por tanto tempo que uma lágrima do menino pingou na toalha branca, borrando a letra “e” de carvão. Rafael sentia-se frustrado e sozinho. Até quando conseguia chamar a atenção do além, era ignorado. Estava numa cela onde não via as trancas, mas sentia-se cada vez mais sufocado.

– Pai, me escuta. É seu filho, Rafael. Eu preciso de você. Eu preciso de ajuda.

O copo deslizou pela toalha, renovando as esperanças de Rafael. Ele correu livre pela toalha até parar sobre a letra “d”. Depois foi para a letra “h”. Rafael, munido de um bloquinho, começou a anotar o recado do além, viesse ele de onde viesse. Ao final do passeio do copo ele tinha novamente uma coleção imensa de letras e números que para

ele não faziam sentido. E quando o copo parou, como na experiência anterior, deixou a ele apenas aquele enigma, sem nada responder.

– Diacho. O que isso quer dizer?

Rafael apagou a vela e destrancou a porta da cozinha. Como tinha feito na noite anterior, envolveu o copo em um pano para abafar o barulho e deu uma martelada em sua superfície, desfazendo o casulo que poderia manter aquele espírito visitante preso a sua casa. O ritual terminava com os cacos de vidro indo para a lixeira. Encafifado com a nova sequência de letras e números, dobrou a toalha, repôs a xadrez e voltou lentamente pelo corredor, com o bloquinho na mão.

Sob o ressonar pesado do irmão, deitou-se em sua cama e cobriu-se com o lençol, voltando para dentro do seu casulo. O lençol parecia a blindagem do T-34 para o mundo. Ali dentro ele tentava desvendar o mundo, a salvo de qualquer outra ameaça, exceto as que conseguiam invadir sua cabeça, atravessando aquela couraça de algodão.

Acendeu a tela de seu *smartphone* e iluminou a sequência de letras e números. Começava igual à outra. Intrigado, Rafael revirou-se no colchão e enfiou a mão entre o colchão e a cabeceira da cama, alcançando o esconderijo do papel onde tinha anotado a primeira sequência. Iluminou com o celular e ficou olhando para as duas fileiras. Não tinha uma primeira e uma segunda. Era uma cópia. Era a mesma mensagem. O que aquele espírito mudo queria lhe dizer? Ficou olhando para as letras e números, tentando lembrar-se de algo que tivesse lido em livros ou *sites* nos últimos meses, sem conseguir se recordar de nenhum enigma como aquele até que a luz do *smartphone* se apagou. Ele pressionou o botão lateral e a tela se acendeu novamente, mas dessa vez seus olhos não foram para as colunas do enigma. Foram para a tela do dispositivo. O *smartphone*, com o sinal de *wi-fi* conectado. Se ele não conseguia resolver aquele enigma, certamente a internet conseguiria! Estava procurando a resposta no lugar errado. Não seria no seu conhecimento pessoal, aqueles números eram um caminho, um endereço para algum poço de conhecimento coletivo, um *link* entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Um meio-termo.

Respirando rápido, ansioso, sentindo o gosto da vitória na ponta da língua, sentindo a mente formigar, antecipando possibilidades, começou a digitar a sequência no navegador do seu *smartphone*. Ia revendo, letra a letra, número a número. Na primeira tentativa nada frutificou, retornando uma mensagem de *link* quebrado. Ele poderia acordar Beto para dar uma olhada naquilo. O irmão trabalhava com T.I. Certamente desvendaria aquele tipo de endereço, caso ele se entusiasmasse com o

desafio, mas era mais certo um novo cascudo e uma nova bordoadada no meio do azedume da madrugada do que simpatia e compreensão. Tinha que resolver aquilo sozinho. Sentou-se e dobrou-se sobre os números e letras. Encontrou no meio da sequência as letras “b-a-r-r-a” duas vezes seguidas. Não era para digitar aquilo. Era para transformar aquilo em símbolos. Era barra, barra, dois pontos e continuar digitando letras e números.

Rafael prendeu a respiração, estava a ponto de ter um ataque, sentindo-se tão perto de algum tipo de solução para o seu dilema com Maguila e ao mesmo tempo sentindo que se equilibrava sobre uma corda muito fina que se esfiapava a cada passo que dava. Baixou a ansiedade, respirando fundo, de olhos fechados, igual Brian Zaitsev fazia quando tinha muitos zumbis pela frente e precisava enfrentá-los sem as lagartas do tanque de guerra, pensando cada movimento antes de executá-lo e então dançando um balé gracioso com machados e pé de cabras, decepando e decapitando zumbis podres e famintos por cérebros. Era só ir com calma, decifrando cada pedaço daquele enigma e, então, quando o navegador estava preenchido com a nova versão de sua interpretação, pressionou o botão “ir” e esperou.

Uma barra começou a carregar e não veio a famigerada mensagem de *link* quebrado. O coração disparou novamente. Rafael sentiu calor, mas não se descobriu. Precisava do lençol para velar a claridade e manter-se sozinho naquele momento. Então a tela do celular se apagou pelo tempo ocioso e, aflito, ele pressionou o botão mais uma vez. Só que agora, para sua surpresa, seu *smartphone* vibrou em sua mão e acendeu com um anúncio brilhante e colorido bloqueando a tela.

Era uma daquelas propagandas não requisitadas que irritavam por tomarem a tela toda sem deixar você clicar em mais nada, exceto sobre algum propagador de vírus. O Beto sempre dizia para não selecionar nada dessas coisas porque elas carregavam *scripts* maliciosos que enchiam os celulares e *tablets* de infecções que terminavam por sepultar o sistema do aparelho, dando um trabalho do cão para recuperá-los. Ele tinha dito que era para forçar o desligamento do dispositivo e fazê-lo reiniciar. Nem a pau. Rafael não ia jogar fora aquela mensagem que tinha sido desvendada depois de queimar os neurônios, depois de ficar angustiada diante de um espírito repetitivo que só lançava letras e números usando o copo. Não tinha como não clicar naquilo, principalmente levando em consideração a mensagem em letras garrafais estampada na tela do celular. Era o que ele buscava. Ao que parecia ele tinha finalmente encontrado. Num fundo

vermelho e com letras garrafais estava escrito: “Está precisando de ajuda? Clique aqui se precisa ou clique aqui se não precisa”.

Os dedos de Rafael ficaram parados um instante. Não podia ser verdade. O fundo da mensagem pareciam dois olhos vermelhos, perdidos nas profundezas escuras de uma caverna, olhando para dentro dele. O símbolo do *sim* era um pentagrama que girava lentamente, um símbolo que ele conhecia muito bem de suas pesquisas sobre ocultismo. Qualquer pessoa que não conhecesse o lado sombrio ficaria apavorada com aquela imagem, mas ele não. Rafael precisava de ajuda, e, se ela chegasse através de um pentagrama, não ia fazer a menor diferença. Proteção era proteção. O símbolo do *não* era uma caveira que abria a boca, parecendo gargalhar de segundo a segundo.

Rafael pressionou o botão “sim, quero ajuda” e viu a tela do celular mudar de cor e os contornos do anúncio se transformarem em fumaça. Lá do fundo da neblina, os olhos vermelhos vieram para a frente e um novo botão surgiu com um texto imperativo. “Baixar app”. Rafael sorriu e começou a transferir o aplicativo. Uma nova frase surgiu na tela de seu celular enquanto uma animação despretensiosa do pentagrama girava na tela, como um cata-vento. “Um momento, já estamos colocando você em contato com os serviços Pé na Tumba.”

Foi solicitado que criasse um usuário para fazer o *login* no aplicativo e ele abriu um sorriso maior ainda quando uma nova mensagem pipocou na sua frente. “Pronto! Bem-vindo ao serviço exclusivo Pé na Tumba. Um serviço para poucos escolhidos. Sabemos que você está precisando de nossa ajuda e proteção, não perca tempo e selecione um dos nossos guardiões exclusivos!”

– Isso só pode ser zoeira da Renata! Ela deve ter mandado isso aqui para me animar. Hahaha! Melhor que isso, só se ela estacionasse um tanque de guerra na frente de casa – disse, baixinho, Rafael, ainda com os olhos fixos e hipnotizados pela tela do celular. – Mas como ela ia fazer o truque do copo?

Rafael clicou em seguir e, como se o aplicativo pudesse ler os seus pensamentos, exibiu a seguinte mensagem:

“Deseja mesmo ir em frente? Ao clicar em aceite sua alma estará vinculada ao aplicativo Pé na Tumba e será atribuída ao seu guardião pelo prazo de duração do serviço.”

Rafael torceu os lábios e olhou para os lados. Ergueu um pedacinho do lençol e viu Beto risonhar em sua cama, virado de lado. Aquilo ali podia ser sério. Ele tinha acabado de ficar parado na frente de sua tábua Ouija. Talvez algum espírito o tivesse

escutado e não tivesse se manifestado no tabuleiro, preferindo contatá-lo diretamente pelo *wi-fi*.

Para ter acesso aos guardiões da Pé na Tumba, tinha que vincular sua alma ao aplicativo. Não era a mesma coisa que vender a alma para o diabo, então era só uma questão de coragem, e a falta de coragem é que estava lhe causando todos aqueles problemas com Maguila. Talvez a Pé na Tumba fosse o tal do chute nas bolas que o irmão tanto falava. E o texto era explícito em dizer que sua alma ficaria vinculada apenas pelo tempo de duração de serviço. Quanto tempo duraria? Só tinha um jeito de descobrir. Só tinha um jeito de ser corajoso nessa vida. Era ir em frente quando tudo dizia que era hora de fugir. Rafael suspirou fundo e apertou “aceito”.

“Parabéns! Agora você pode escolher o seu guardião”, leu Rafael.

Os olhos do garoto percorreram uma lista que surgiu diante de si. Eram fotografias de monstros, de fantasmas horríveis que, segundo o app Pé na Tumba, viriam do além para lhe dar proteção e vingar os males a que seus usuários eram submetidos na pressão do dia a dia da vida agitada. Lembrou-se na hora do aplicativo de guarda-costas da Bia, mas aquele era muito, mas muito diferente. Eles não estavam vendendo brutamontes por hora. Eles estavam oferecendo fantasmas!

Como o coração acelerado, Rafael começou a visitar os perfis das criaturas distribuídas pelo Pé na Tumba. Os avatares dos fantasmas à disposição estavam em alta qualidade de imagem e eram arrepiantes. Eram perfeitos!

O primeiro fantasma da lista chamava-se Lilith, e esta era sua descrição: Possessão perturbadora que busca confundir e seduzir seus oponentes, causando grande transtorno em suas vidas amorosas. Um perigo potencial para oponentes que estejam grávidas.

Bem, não era isso que Rafael estava procurando. Ele queria algo mais direto. Maguila não tinha namorada alguma e dificilmente arrumaria uma com aquele jeito truculento. Clicou no fantasma seguinte.

Xesbeth: Criador de ilusões. Fará seu oponente afundar num mundo de fantasia e completo horror.

Com Xesbeth a coisa melhorava de figura. Logo abaixo da fotografia do tenebroso fantasma existia um pentagrama dourado e um selo escrito “assombração Premium”.

A presença do selo já desanimou um bocado Rafael. Até o momento ele ainda sonhava que aquelas ofertas da Pé na Tumba fossem gratuitas ou que, ao menos,

forneceriam um tipo de “*trial*”, um tempo para experimentar se valia a pena mesmo investir num fantasma comprado na internet. Como ele ia saber se aquilo era verdade, se não estava vivendo agora um sonho, uma resposta baseada em *cookies* para o seu desejo alucinado de encontrar no oculto alguma voz que escutasse o seu pedido de socorro? Pé na Tumba poderia ser um daqueles aplicativos com propagandas infinitas e com uma centena de *links* para compras dentro do aplicativo, mas que jamais cumpriria a promessa de realmente entregar um fantasma.

O garoto suspirou e passou para o próximo perfil, clicando na foto de Chax, um fantasma de pele azulada e olhos puxados, como os de orientais, e um bico pronunciado que emprestava a ele uma aparência completamente alienígena. No seu rol de qualidades e maldades, dizia-se que Chax era o ladrão. Apanhava os oponentes dos clientes do Pé na Tumba e os deixava lisos, tomava tudo o que era deles através de mentiras e enganação. Rafael coçou o queixo naquele ali. Até que seria divertido ver o mimado do Maguila perdendo toda proteção que o dinheiro de sua mãe comprava. Dona Beatriz também perderia aquele nariz arrebitado e quem sabe não teria que procurar emprego e pararia de ficar explorando seus funcionários com salários de fome e humilhando todo mundo à menor oportunidade que se abria a sua frente.

Chax era tentador. Mas seu alvo não era dona Beatriz. Era Maguila. Queria que o inimigo sofresse como ele sofria. Mesmo assim pressionou o coraçãozinho bem abaixo do perfil de Chax, marcando como um possível favorito. Seus olhos desceram pela lista e lá vinha a introdução de Agares. Agares era um fantasma perfeito. Um tipo de alma possadora, que causaria calafrio em qualquer adversário. Agares se apoderava da pessoa e a paralisava, dos pés à cabeça, impossibilitando-a de se levantar da cama ao acordar. A pessoa ficaria imóvel, escutando e sentindo tudo ao seu redor, mas os demais achariam que ela estava morta. Agares era perfeito! Perfeito! Maguila ia se borrar todo se passasse alguns dias daquele jeito, imóvel. Rafael até poderia visitá-lo a pretexto de compadecer-se do amigo paralisado e, quando ninguém estivesse olhando, poderia dar uns cascudos no meio da testa de Maguila. E o que ele faria? Nada. Agares era um fantasma ótimo. Marcou também um coraçãozinho, mas não se empolgou a ponto de clicar em “evocar”, porque ainda queria conhecer os pacotinhos de maldades que cada um daqueles avatares ainda inéditos traziam em suas descrições.

O próximo era Belial. Belial era famoso. Rafael já tinha lido bastante a respeito daquele ser do oculto, mas ele não era um fantasma, era um demônio. Bem abaixo de seu avatar, um monstro com seis chifres pontudos e olhos de brilho azul, dizia-se que

aquele “produto” levaria os inimigos do contratante à loucura, lançando todos numa tormenta de caos e intriga e paranoia, arremessando a vida de cada um deles a um inferno na terra.

Rafael torceu os lábios e ficou pensativo. Não era isso que estava procurando. Belial era fantástico, mas a promessa era pequena demais e, além do mais, tinha também aquele símbolo irritante de “assombração Premium”. Certamente contratá-lo custaria uma pequena fortuna da qual ele não dispunha.

Aka era outra assombração com um perfil bastante resumido, mas um bocado pitoresco: Com Aka, traga o tempero da maldade para o seu dia a dia e apavore você mesmo os seus oponentes.

Rafael suspirou. Maldade não era muito a cara dele. Maldade era uma palavra que podia abraçar muitas coisas. Maldade combinava justamente com Maguila. Apesar de estar decidido a buscar vingança por conta de toda humilhação e por cada hematoma, só queria assustar aquele filho da mãe. Passou para o próximo.

Asag: O pai das rochas. O portador das doenças. Esse era o resumo, sucinto, contudo poderoso. Prometia uma assombração dura como pedra e que faria adoecer seus oponentes. Mais uma assombração com o símbolo de *Premium*.

Rafael clicou no último da lista e, assim que a fotografia e as primeiras palavras do seu portfólio surgiram na tela do *smartphone*, os olhos do menino brilharam. Era exatamente aquele tipo de fantasma que ele estava procurando. “Estrela da Manhã”, um fantasma guardião para todas as horas. Sete dias de proteção completa contra seus sete inimigos. A imagem de Estrela da Manhã era tão intimidadora quanto à de Belial. Estrela da Manhã também tinha chifres e possuía longas asas de morcego. Era um fantasma perfeito! Bastaria ele simplesmente aparecer para Maguila dizendo que era o seu protetor, o seu guardião e para nunca mais encostar um dedo nele que Maguila certamente teria um colapso mental e ficaria afastado da escola por um semestre, no mínimo.

Estrela da Manhã era um nome atraente e bonito demais para um fantasma, mas o que o aplicativo prometia era formidável. Sete dias de proteção contra sete inimigos. Estrela da Manhã era a sua escolha. Pena que o filho da mãe também vinha com aquele selo de “assombração *Premium*”.

Rafael descobriu-se do lençol e soltou uma bufada longa, caindo de costas no colchão e de olhos pregados na tela do aplicativo. Diabos! O que aquilo queria dizer? Só tinha um jeito de descobrir. Pressionou em “detalhes do fantasma” e ficou ainda mais

enlouquecido de desejo. Queria que Estrela da Manhã se materializasse ali, na sua frente, naquele instante!

Um fantasma protetor era o sonho de qualquer criança, e a proteção de Estrela da Manhã estava a um clique de seu dedo. Na propaganda do fantasma ainda tinha mais frases criadas por sabichões de *marketing* do além, ávidos pelos trocados que os meninos necessitados estavam dispostos a investir naquela novidade. Diziam que Estrela da Manhã era o guardião dos fracos, aniquilador de todo e qualquer mal que se aproximasse de seu protegido. Rafael não duvidava de que Maguila e qualquer outro que entrasse em seu caminho sairiam correndo sem olhar para trás. Estrela da Manhã parecia mesmo uma criatura das trevas mais obscuras. Tinha dentes imensos que escapavam de seus lábios e um par de chifres de dar inveja em qualquer diabo. Seu corpo era alto e curvo, parecia coberto por um couro grosso. Seus olhos eram fundos e escuros, com se a noite se escondesse dentro deles. Era horrivelmente lindo! Era exatamente com aquilo que Rafael queria que seus inimigos tivessem pesadelos! Um fantasma tenebroso e assustador, com pernas peludas que terminavam em patas de carneiro.

O coração de Rafael batia rápido no fundo de seu peito. Era só clicar no botão “evocar” e seu fantasma se colocaria a caminho? Era só escolher o Estrela da Manhã que o aplicativo Pé na Tumba daria um fim em todos os seus problemas? Até aquele momento não tinha visto uma pista sequer de quanto custaria para ele ter a presença de Estrela da Manhã por sete dias. Certamente seria bem mais caro que aquele guarda-costas de meia pataca. O que custava tentar? No máximo iria terminar com o coração partido por ser um pobre estudante sem mesada. Ainda com o coração acelerado e tomado pela promessa de se livrar de Maguila, Rafael clicou em “evocar seu fantasma”. Viu a tela se apagar por um segundo e um pentagrama imitando um desenho com giz de cera começar a girar como se estivesse carregando um arquivo. Em seguida, outra mensagem, reveladora e frustrante, surgiu diante de seus olhos. “Promoção Estrela da Manhã: Sete dias de proteção, sete dias de assombração em sete vezes de 99,90!”

– Não! – ralhou o garoto. – Sete vezes de 99,90!

Rafael releu a tela. Era uma oferta. Para ter a ajuda do fantasma “premium” que tinha escolhido, ele tinha mesmo que pagar, tinha que assinar o serviço, sem amostras grátis. Sete vezes de noventa e nove e noventa! Diabo de assombração mais cara! Como ia conseguir todo aquele dinheiro? Era muito mais caro que o tal de segurança particular por hora. Também, pudera! O produto era muito melhor. Não era uma pessoa que ele

estava contratando. Era o seu fantasma particular, a sua assombração exclusiva, ao seu lado, para protegê-lo e resguardá-lo de seus malfeitores!

Movido pela decepção, Rafael clicou em fechar o aplicativo e, quando baixava o aparelho, sentiu-o vibrar em sua mão. Uma nova mensagem na tela. “Vai desistir tão fácil, mortal? Você está deixando passar a chance de mudar a sua vida!”

– Eu não tenho dinheiro – resmungou Rafael.

O celular vibrou mais uma vez, e outra mensagem pipocou na tela.

“Somente hoje, por menos da metade do preço, você poderá ter o Estrela da Manhã a seu serviço. Três vezes, sem juros, de 99,90! Aceitamos todos os cartões de crédito! Oferta exclusiva Pé na Tumba.”

Rafael mordiscou o lábio e baixou o lençol que o protegia em seu mundinho, abrindo sua redoma de algodão. Beto ressonava, roncando, ainda encolhido e virado de lado, mas os olhos dele não estavam mais no irmão. Estavam na carteira dele, bem na cabeceira. Esgueirou-se para fora da cama e abriu a carteira, retirando de dentro o cartão de crédito dourado. Rafael voltou para debaixo do seu lençol, agora munido da chave para a sua salvação. Sabia que no minuto em que Beto descobrisse sua pilantragem ele iria arrancar o seu couro, mas qualquer sacrifício, qualquer risco, qualquer pavor premeditado valeria a pena para ver Maguila ao menos uma vez na vida se dando mal, caindo aos seus pés e implorando para não ser mais assombrado, jurando que nunca mais iria encostar em um único fio de cabelo seu.

Rafael começou a digitar os dados do cartão de crédito. A longa sequência de números parecia interminável. Em seguida o aplicativo pediu que ele escrevesse o seu endereço completo. Código de segurança. Ele sabia o que era aquilo. Já tinha visto seu irmão comprando jogos na *web* uma porção de vezes. Acontece que a cada nova tela que surgia, pedindo que ele concordasse com inúmeros termos e contratos, com páginas e páginas intermináveis com letrinhas inúteis, ele temia que o Beto acordasse e acabasse com a sua única chance de ser dono de um fantasma pessoal que o protegeria por sete dias. Ao final da digitação, um aviso iluminado pedia para ser habilitado. Ali dizia que ele, Rafael, declarava concordar com tudo, de forma irrevogável e irretatável, e que tinha certeza de que queria ser dono de um fantasma cedido por sete dias pela Pé na Tumba Empreendimentos e que eximia a empresa de qualquer responsabilidade em virtude do exercício do serviço de seu fantasma.

Ele não teve dúvida alguma e pressionou o *concordo*. Um pentagrama vermelho, borrado como uma mancha de sangue raspada no chão, ficou girando na tela por

segundos intermináveis. Para desespero de Rafael, Beto tossiu em seu leito e virou-se na cama, fazendo o seu sangue gelar nas veias. Ele prendeu a respiração conforme uma barrinha ia se enchendo e a imagem de um clássico fantasma de lençol ia crescendo e se completando na tela, sobrepondo o pentagrama rubro. Finalmente a informação que ele queria surgiu.

“Seu fantasma foi comprado com sucesso, estamos processando seu pedido. Seu fantasma será entregue assim que sua administradora de crédito confirmar os dados de pagamento.”

Rafael continuou olhando incrédulo para a tela do celular. Tinha conseguido! Tinha comprado um fantasma! O seu fantasma!

O menino saiu da cama e, tão leve quanto tinha surrupiado o cartão, devolveu-o para o seu nicho na carteira do irmão.

Ouviu um sonoro *bip* vindo do celular quando ainda estava com mão na carteira do irmão. Rapidamente voltou para a cama e deitou-se, aninhando-se em seu travesseiro e olhando novamente para a tela do celular, segurando a boca para não dar um grito de alegria. Um aviso informava: “Pagamento confirmado! Parabéns, agora você é um cliente *premium* da Pé na Tumba. Aguarde! Seu fantasma está sendo carregado!”

Rafael dormiu feliz aquela noite. Nunca antes tinha sentido que a proteção pela qual tanto ansiava estava tão próxima.

Capítulo 5

Assim que Rafael colocou os pés no colégio, Renata agarrou-o pelo braço e o carregou até o corredor da direção.

– Agora você vai falar com ela. Eu serei sua testemunha! Não vamos deixar o Maguila se safar depois do que ele te fez ontem.

Rafael ia abrir a boca e dizer que o que era do Maguila estava guardado e a caminho, mas ficou quieto. Gostava do que Renata estava fazendo. Ela, uma menina do seu tamanho, estava cuidando dele, dando atenção a ele de uma forma que ninguém mais dava. Lembrou-se do beijo rápido e sentiu-se unido a ela como nunca fora unido a mais ninguém. Sorriu ao lembrar-se do sorriso cheio de carinho e cumplicidade que Kate lançava para Brian toda vez que abria a escotilha do último tanque de guerra do mundo. Eles eram namorados.

– Tá bom.

Os dois ficaram parados em frente à sala da diretora e logo que o sinal para a primeira aula tocou a assistente entrou na antessala e ficou encarando-os com olhar interrogador.

– Não se incomode com ela – disse Renata, colocando a mão sobre a de Rafael.

– Você tem todo o direito de estar aqui.

Rafael segurou a mão de Renata, apertando-a forte entre a sua. Era tão bom ter alguém ao seu lado só para variar.

– Vocês dois não estão perdendo aula, não? Vão tomar uma anotação hoje.

Antes que Rafael pudesse abrir a boca, Renata já respondia, disparando como um canhão.

– Precisamos falar com a diretora Suzana, e é urgente. Não vamos sair daqui antes de falar com ela.

A secretária fez um muxoxo e remexeu os papéis em sua mesa desconfortável.

– Ela já está subindo.

Renata apertou a mão de Rafael e olhou para ele, com um sorriso de Kate nos lábios.

– Está doendo, o seu rosto? – ela quis saber.

Rafael deu de ombros.

– Nem. Ontem à noite aconteceu algo tão incrível que essa dor desapareceu. O Maguila vai se lascar.

– Como?

– É surpresa! Estou esperando uma confirmação no meu celular.

– Você contratou um guarda-costas?

Rafael balançou a cabeça em sinal negativo.

– Melhor ainda.

– Assim eu morro de curiosidade! O que você aprontou, Rafael?

– É surpresa, já falei – cochichou o menino.

Os dois ficaram calados olhando para a secretária, que os encarava desconfortável com aquelas vozes miúdas e seguraram o riso.

Cinco minutos depois os dois estavam dentro da sala da diretoria com a diretora Suzana olhando para os dois por cima das lentes dos óculos.

– O que está acontecendo aqui, Rafael? Renata? Você, menininha, aqui na minha sala é novidade.

– É... – Rafael deixou o verbo se estender, buscando palavras para começar.

Renata deu-lhe uma cotovelada nas costelas e ele a olhou surpreso.

– Fala logo!

A diretora cruzou os braços e encarou as duas crianças.

– É o Maguila, dona Suzana.

A diretora recostou-se em sua poltrona de couro e revirou os olhos, tornando a encarar os dois.

– O Fábio Eduardo, você quer dizer.

– Isso.

– E o que tem o Fábio Eduardo dessa vez? Vai voltar àquela ladainha de que ele te persegue?

– Ele persegue o Rafael, sim! Eu mesma vi ontem! O Maguila e os amigos dele cercaram o Rafael na maior covardia e o Fábio Eduardinho, filhinho da mamãe, empurrou o Rafa da escada. Olha o rosto dele! A senhora vai deixar isso quieto? Vai apoiar aquele covarde, protegido da mamãe?

A diretora arregalou os olhos e encarou a pequena e irada Renata a sua frente. A menina estava com as bochechas vermelhas e manteve os olhos arregalados e interrogativos quando a diretora se levantou.

Rafael sentiu o celular vibrar no bolso de sua calça. Teve vontade de pegá-lo para ver o que era, por pura curiosidade, mas agora estava no meio de um inferno de problema e queria ver no que ia dar aquela bronca da Renata. A diretora Suzana não estava nada feliz. O que ela faria agora? Iria dar uma suspensão para eles dois? E o que aconteceria depois? A mãe da Renata ficaria furiosa com ela e com ele e a proibiria de vê-lo? Provavelmente era isso que aconteceria. Essas situações extremas sempre vinham carregadas de consequências pesadas que estouravam em suas costas. Era certeza que a diretora ia chamar também a sua mãe e ela ia ficar aborrecida, ia chorar mais uma vez dizendo que ele a colocava numa situação difícil com essas queixas. Rafael sempre sofria antecipando tudo de ruim que poderia acontecer após uma decisão mal tomada. Não precisava estar ali na sala da diretora Suzana. A solução estava no seu bolso.

Suzana aproximou-se ainda mais dos dois e curvou-se sobre Rafael, que se encolheu tanto na cadeira que parecia que ia atravessar o encosto, como um espírito, e cair no chão. A diretora ergueu a mão e passou sobre o hematoma no olho direito do menino acuado como um bichinho.

– Foi ele que fez isso?

Rafael apenas balançou a cabeça em sinal positivo, concordando.

– E não foi a primeira vez nem será a última. A senhora sabe que tem que tomar uma providência. Minha mãe disse que vai levar o Rafael na Secretaria da Educação e no Conselho Tutelar, tudo no mesmo dia – Renata cruzou os braços e ergueu seu queixo cheio de razão.

A diretora sorriu para Renata e deu um tapinha no ombro de Rafael.

– Nada disso será necessário. Podem deixar. Eu vou dar um jeito nessa situação hoje mesmo.

Renata sorriu para Rafael, suas mãos ainda estavam unidas.

– Dona Márcia, pode trazer o Fábio Eduardo aqui, por gentileza?

Rafael soltou a mão de Renata e sua expressão tornou-se aflita. Agora era demais. Agora o Maguila estava no meio daquilo. Além de todas as consequências que vinha imaginando, teria que encarar a vingança de Maguila. Seu celular vibrou novamente dentro de sua calça do uniforme. Ele sabia que o Maguila não ia deixar quieto, ele não deixava nada passar de graça. Nada. Rafael passou a mão sobre o retângulo sólido em seu bolso. Mais do que nunca precisava de uma resposta de suas buscas no além, mais do que nunca precisava de proteção.

– Vocês dois podem ir. Vou conversar com o Fábio Eduardo em particular. Vou garantir que essa situação acabe e que todos fiquem satisfeitos. Podem ir, dona Márcia dará uma autorização para entrarem na aula.

Rafael e Renata desceram as escadas até o corredor das salas aos saltos. Rafael, ainda preocupado com toda aquela situação, e Renata, morrendo de rir e comentando a cara lívida da diretora quando ela mencionou o Conselho Tutelar. A dupla teve a atenção chamada por duas inspetoras de alunos.

Rafael tirou o celular do bolso e olhou para a tela. Era um aviso da Pé na Tumba que disparou seu coração mais uma vez. Renata tentou tirar o aparelho de sua mão, mas Rafael puxou rapidamente.

– O que é isso?

O aviso dizia: Seu fantasma já está sendo processado.

Não era nada de novo, mas era uma promessa. Rafael sabia que cedo ou tarde o app Pé na Tumba lhe entregaria o que tanto precisava, um fantasma para assombrar seus inimigos. Um protetor para seguir seus passos.

– A confirmação! Ela chegou – disse Rafael, sorrindo e depois torcendo os lábios para o lado. – É. Eu acho que chegou.

– Ah é?! Deixa eu ver! – exigiu a amiga e escudeira.

– Não. É uma surpresa. Aguenta firme. Igual ao episódio Quarenta do “O último tanque de guerra da Terra”!

– Não! Não pode ser! Você está sendo muito malvado comigo, Rafa! Eu acabei de te ajudar lá em cima, esqueceu?

– A Kate só descobre que o Brian está vivo na última cena. E foi demais, não foi?

– É. Foi.

– Então confie em mim, igual a Kate confia no Brian e no T-34. Quando ele chegar, eu te apresento a ele.

– Ele? Você contratou um guarda-costas? Eu sabia que você ia dar um jeito!

– Não. Não é um guarda-costas. É muito melhor. Quando eu te apresentar a minha salvação, você vai ficar apavorada, vai ficar morrendo de medo!

– Eu? Com medo? Olha quem está falando! Você viu a cara da diretora quando eu falei sobre o Conselho Tutelar?

– Eu vi! Hahaha! Sua mãe é demais, diz pra ela que eu agradeço muito essa ajuda!

– Quem disse que ela sabe?

Os dois seguiram rindo pelo corredor e entraram na sala de aula bem quando Maguila saía. O grandalhão ficou olhando para Rafael com cara enfezada e colocou a mão no seu ombro.

– Não sei o que vocês estão aprontando, mas, se sobrar pra mim, Ossinho, você vai se arrepender!

A ameaça terminou com um empurrão e a inspetora puxou Fábio Eduardo pelo braço.

– Vamos.

Para surpresa do temeroso Rafael, a manhã transcorreu tranquila. Até mesmo durante o intervalo. Maguila parecia não estar muito perturbado com a visita à diretoria. Ele viu o garoto sentado num banco, de braços cruzados e emburrado, mas estava na dele. A professora Tina parou ao lado dele e sentou no banco azul de madeira, curvando-se sorridente para o “colega” de sala. Maguila e ela conversaram por um instante e então Rafael notou que ela acariciava a cabeça de Fábio Eduardo e balançava a cabeça compreensiva, falando pausadamente, como se desse instruções. No final ela se virou para Rafael e Renata e ficou encarando o casal por um momento. Rafael teve certeza de que Maguila contou uma bela duma história para ela, posando de vítima.

– E aí, gente? O que estão aprontando hoje?

Rafael e Renata olharam para o lado. Darla estava parada ali, mascando chiclete, e observando-os com seus olhos verdes.

– Nada – respondeu Renata.

Darla sentou-se ao lado deles no banco. As crianças passavam pelo pátio, correndo e gritando, enchendo seus ouvidos com o som do recreio.

– Mas vocês estão tão sérios. Achei que estava acontecendo alguma coisa.

Rafael suspirou como sempre fazia.

– Eu dedurei o Maguila para a diretora hoje cedo. E ela chamou ele lá na sala dela.

Darla sorriu e olhou para o outro lado do pátio, vendo a professora Tina levantando-se do banco e passando a mão na cabeça do menino antes de sair andando em direção à sala dos professores.

– Hum. Entendo. Não esquite a cabeça com isso, Rafael – disse a namorada do irmão. – É sempre bom fazer alguma coisa para acabar com as confusões.

– Pois é. Mas toda vez que eu faço alguma coisa contra o Maguila, as coisas só pioram. Aposto que agora ele quer me esganar.

– Braços erguidos! – disse Darla, colocando-se em guarda.

Rafael franziu a testa.

– Deixe a guarda alta. Não vacila, meninão. Você pode ser magrelo, mas tem muita força nesses braços. Deixe os braços erguidos e proteja a sua cara.

Rafael sorriu. Darla fazia *muay thai*. Já tinha escutado o Beto falando alguma coisa.

– Bem que você podia me dar umas aulas pra valer.

Darla continuou mascarando o chiclete e olhou para o pátio vendo a diretora Suzana surgir na escadaria. Levantou-se rapidamente e olhou para Rafael.

– Claro. A gente combina. Eu tou do teu lado. Seu irmão é pentelho com você porque não entende como é difícil ser o caçula. A gente é sempre tratado como o bebezão da família. Deixa eu ir caçar o que fazer, senão a bruxa do setenta e um vai me azucrinar.

Rafael e Renata riram do jeito espontâneo e divertido de Darla enquanto ela se afastava. Logo tocou o sinal e toda a garotada, como gado, começou a voltar para as salas de aula.

Infelizmente, perto da última aula, a professora Tina iniciou um teste oral na turma. A matéria era Geografia, e era sempre muito chato ser escolhido para ficar de pé, em frente a todo mundo, respondendo as questões elaboradas pela professora.

A única parte da matéria que Rafael gostava é quando falavam da Rússia e da antiga União Soviética, dos seus exércitos e seus tanques de guerra. Nesses trechos ele se empolgava, procurando fotografias na apostila onde retratavam o seu favorito T-34. Até os uniformes dos soldados lhe chamavam a atenção. Tinham imitado direitinho no figurino do seu seriado favorito.

– Venha para a frente – ordenou a professora.

Rafael obedeceu prontamente, parando junto ao quadro negro, olhando para a sala de aula. Todos estavam calados, a maioria dos colegas olhando para as apostilas. Rafael olhou para a professora Tina, ela folheava também a apostila, lentamente, como se tivesse esquecido dele ali na frente.

A campainha de vários celulares tocou ao mesmo tempo. A professora disfarçou um sorriso e não levantou o rosto, irritada, como sempre fazia. Rafael sentiu seu celular também vibrar no bolso e baixou sua cabeça. Risadas começaram a espocar na sala de aula, aqui e ali. Alunos levantam seus celulares e olhavam para a tela, depois apontavam para Rafael e riam.

Renata, percebendo o que se passava, tirou seu celular do bolso e olhou para a tela com aviso de nova imagem recebida no grupo de estudos da sala de aula, que servia para tudo, menos para estudar. Abriu o aplicativo e viu uma montagem enviada por Maguila. Era um esqueleto com a cabeça de Rafael. Embaixo a legenda: “Oi, pode me chamar de Ossinho!”. Todos riam alto e caçoavam do menino ainda parado lá na frente, esperando que a professora fizesse a pergunta ou alguma coisa para interromper a bagunça.

A menina percebeu que Rafael ficava cada vez mais constrangido com as risadas e os dedos apontados para ele. A coisa piorou quando Maguila puxou o coro e todos começaram a gritar e bater nas carteiras:

– Ossinho! Ossinho! Ossinho!

Renata olhou para a professora. Ela estava também com seu celular na mão e ria de toda a situação. Mais uma vez Maguila tinha vencido e capturado a professora Tina para o seu lado.

– Professora... – resmungou Rafael lá na frente.

Tina ergueu a mão e baixou o celular sobre a mesa. Os alunos pararam com a festa e os gritos, mas continuaram rindo.

– O que foi, Rafael? – perguntou Tina, cruzando os braços.

– A senhora não pode deixar eles fazerem isso comigo!

– Fazerem o quê? – perguntou a professora, erguendo as sobrancelhas.

– Eles estão me ofendendo, professora. A senhora tem que me defender disso. É tudo culpa do Maguila!

A professora levantou-se e olhou para Maguila, apontando para ele.

– Quer dizer que é tudo culpa do Fábio Eduardo?

– Exato – reforçou Rafael.

– Você não se cansa de fazer esse papel de traidor? – perguntou a professora, encarando Rafael.

O menino encolheu-se quando a professora se aproximou.

– Você foi falar mal dele na diretoria e agora está aqui, na frente de toda a sala, delatando o seu colega de classe mais uma vez. Isso é coisa de gente fraca!

– Coisa de Ossinho! – gritou Maguila, empolgado.

A sala inteira riu mais uma vez.

– Professora – Rafael queria falar, mas não sabia o que dizer. Sabia que estava com o rosto vermelho, pois suas bochechas pegavam fogo.

– Não seja um delator, Rafael. Isso não vai te salvar – disse a professora, baixinho, só para ele escutar. – Você precisa ser mais corajoso. Entregar os outros é coisa de covarde.

Rafael, não suportando mais a humilhação em frente aos amigos, disparou pelo corredor de carteiras e correu para fora da sala de aula.

Renata cruzou os braços, enfezada, encarando a professora que olhava espantada para a porta. Isso não podia continuar assim.

Na saída, como de costume, Rafael voou para a esquina, onde poderia esperar Renata em segurança. Tinha visto o imponente carro preto do motorista da dona Beatriz parando em frente à escola. Quando ele vinha buscar o menino, Rafael sabia que teria um dia tranquilo no trajeto do colégio até sua casa. Respirou aliviado quando viu Renata se aproximando.

A menina alcançou Rafael e ficou parada um instante, com os olhos nos olhos do menino.

– Eu só queria dizer... – começou Rafael, sendo interrompido por um beijo rápido em seus lábios.

Rafael ficou corado e as palavras desapareceram de sua boca. Renata estendeu a mão e começaram a caminhar com os dedos entrelaçados.

– A gente tá namorando? – perguntou Rafael.

Renata sorriu sem parar de andar.

– Minha mãe diz que eu sou muito nova para namorar.

– É, a minha também fala a mesma coisa.

– E então?

– Então o quê? – indagou Rafael olhando para ela.

– A gente tá namorando?

Rafael fez que sim com a cabeça.

– Sim. A gente tá namorando.

– Mas é segredo! Minha mãe não pode nem sonhar que eu tenho um namorado!

Ela cai de costas.

– Por mim tudo bem. Quando a gente crescer você conta pra ela.

– Seu Cícero, eu vou jogar bola, me leva até o campinho – ordenou Maguila, já acostumado com o jeito de mandar nos funcionários.

O motorista olhou pelo retrovisor e balançou a cabeça em sinal negativo.

– Sua mãe me pediu pra te levar direto pro salão, hoje, Fábio Eduardo.

– Acontece que eu mandei uma mensagem pra ela avisando que hoje eu não vou coisa nenhuma.

– Ela disse que vocês vão comprar um cachorrinho novo.

– Não. Vou jogar bola. Ainda não escolhi qual vai ser o meu próximo cachorro. Precisa ser resistente. Os outros não viveram muito. Será que só andam fazendo cãezinhos fracotes hoje em dia?

– Seu Fábio Eduardo...

– Seu Cícero, nem adianta. Já sabe como é.

O motorista suspirou fundo e seguiu aborrecido em direção ao campinho. Já sabia como era. O menino ia ligar para a mãe reclamando que o condutor era desobediente e ia inventar que ele estava sendo grosso. O fedelho era mentiroso e desbocado e sabia se fazer de coitado para a mãe. Era uma grande semente de babaca, isso sim.

– Pois não, seu Fábio Eduardo.

Maguila e seus amigos desceram na pracinha já com a bola debaixo do braço. Outros moleques da vizinhança estavam jogando no campinho. Teriam que esperar a partida terminar ou sugerir um contra. Começaram a tocar bola no chão de terra quando um deles gritou apontando para a escadaria da pracinha.

– Olha lá, Maguilão! Vê quem tá com a sua mina! – gritou Ícaro, apontando para a pracinha.

O bando parou, olhando para a pracinha e vendo Rafael e Renata sentados no banquinho de concreto. Eles estavam se beijando!

– Ih! Olha lá! Olha lá! O Ossinho tá te passando a perna!

– Virou chifrudo, Maguilão! – juntou Leonardo.

Maguila estava imóvel, mas seus amigos sabiam que ele estava furioso e só aumentaram a caçoada, irritando ainda mais o valentão que se segurava. Tinha tido uma conversa com a diretora Suzana. Ela tinha pedido para ele dar um tempo com a “implicância” com o Rafael. Tinha dito que era muito grata a sua mãe, por todos os presentes e por todos os serviços de manicure e drenagem linfática, disse que não queria perder a amizade e tudo isso, mas era preciso dar um tempo, pelo menos de um mês sem queixas do chato do Rafael.

Mas como ele poderia dar um tempo se o *desgramado* estava agora beijando a Renata, a menina mais linda da sala de aula e que deveria estar babando por ele, não por aquele amontoado de ossinhos finos.

– O Maguila não é mais o maioral da sala agora! Hahahaha! – riu Bismark.

Maguila largou sua mochila e começou a atravessar a praça, furioso. Seu rosto estava vermelho e ele bufava de tanta raiva.

Foi Renata quem viu o grupo chegando, correndo atrás do líder.

– Ai, meu Deus!

– O que foi?

– A gente precisa correr pra sua casa. Agora!

Rafael virou o rosto e empalideceu. Maguila e seu bando vinham correndo pela pracinha e ele já sabia que não teria tempo de chegar nem mesmo à esquina. Seria cercado e estava lascado.

Os seis meninos encurralaram o casal rapidamente, como uma matilha. Maguila, com a testa enrugada, olhando fixamente para Rafael, se aproximou do garoto. Renata também se levantou e o fato de ficar ao lado de Rafael deixou Maguila ainda mais irritado.

– Dispensou o motorista? – indagou Rafael.

– O que você tem a ver com isso?

Rafael começou a andar para trás, seguido a cada passo por Renata. Ela sabia o que ele estava fazendo, estava querendo encontrar uma brecha para fugir daquele cerco. Eles não tinham um tanque de guerra para abrir caminho a bala.

– Você achou que eu ia deixar barato o lance da diretora? Você acha mesmo que alguém vai ficar do seu lado naquela escola?

Rafael olhou para os dois lados. Bismark e Ícaro estavam à direita, enquanto Leonardo e Paulinho estavam à esquerda, fechando a saída.

– Tinha que querer ficar com ela? – perguntou Maguila, intimidador, apontando para Renata.

– Ei! Espera aí! Você acha que é meu dono, por acaso?

– Cala a boca, Renata! Deixa eu acabar com esse Ossinho de galinha. Não se mete!

Renata soltou de Rafael e foi para cima de Maguila, empurrando seu peito.

– Não se mete comigo você!

Maguila parou, aturdido a princípio, e então começou a rir.

– Ei, Ossinho! Ela é que vai te defender, agora? Você não tem vergonha de ser tão covarde, não?

Rafael não sabia o que dizer. Estava tremendo de medo como sempre tremia. Não queria tomar outra surra de Maguila e seu bando. As feridas da tarde passada ainda latejavam em sua pele. O valentão nunca vinha sozinho. Sempre fazia aquilo. Sempre o cercava cheio de amigos. Rafael sabia que Maguila era um covarde, um banana, que só se garantia porque estava rodeado de otários que iam atrás dele como agora. Podia pôr o conselho do seu irmão em prática e dar um chute bem na virilha de Maguila, mas e depois? E os outros?

O bando de Maguila começou a rir junto com ele.

– Eu não estou defendendo ele, seu palhaço. Eu só estou dizendo que eu sou dona do meu nariz e que não vou ficar com você nunca na minha vida! Nunca na minha vida vou trocar um cara legal como o Rafa por um covarde metido a valentão como você! Covarde! Mimado! Por que não bate em alguém do seu tamanho?

Maguila parou de rir ouvindo as palavras da menina por quem era apaixonado. Não acreditava no que ela estava dizendo. Olhando para os lados via que os amigos continuavam rindo, só que agora riam da cara dele, e não com ele.

Maguila agarrou Rafael pelo cangote e empurrou-o contra o tronco de uma árvore.

– Eu vou acabar com você, Ossinho! E se você abrir a boca pra diretora, eu acabo de novo, até não sobrar nada de você para contar história!

Rafael não conseguia falar. Estava apavorado. Seu corpo ainda doía da queda na escadaria na véspera e agora vivia uma nova violência. Desejava que seu pai estivesse ali. Rezava para que seu pai surgisse do além e acabasse com a raça de Maguila e seus amigos, mas ele nunca aparecia.

Renata agarrou-se ao braço de Maguila e começou a chacoalhar e espernear.

– Solta ele! Solta ele, seu covarde!

O som do mundo pareceu desfocar, como quando nossa visão se nubla, as vozes, os gritos, tudo pareciam ter ficado indefinido, opaco, mais devagar para Rafael por um momento, como se todas as sensações viessem de muito longe. Rafael estava afundando em seu pior pesadelo, vendo a sua então namorada ser arrastada junto com ele. Não tinham tanque de guerra para entrar dentro, se proteger na blindagem soviética e resistir ao assédio inimigo. Viu Ícaro agarrando Renata por trás, passando seu braço por seu pescoço e puxando-a para longe de Maguila. Ela estava chorando. Renata estava chorando. Rafael, tentando rever depois como tudo aconteceu, não conseguia recordar exatamente de onde veio aquilo. Lembrava-se de um detalhe. O celular vibrou dentro da sua calça mais uma vez. Era como se uma ordem eletrônica tivesse sido emanada, *wi-fi*, *bluetooth*, atravessando seus nervos como um comando. Rafael fechou o punho direito e no segundo seguinte um murro acertava o rosto de Maguila, empurrando-o para trás.

Maguila curvou-se, soltando Rafael, assustado. Estava ainda encharcado de raiva, mas agora também havia sangue. Maguila olhava para sua mão esquerda, vermelha, lavada do líquido grosso e vermelho, incrédulo. O moleque nunca tinha reagido. Ossinho nunca o havia enfrentado.

As risadas e os gritos cessaram. Renata abriu um sorriso, vendo Rafael com o punho erguido, congelado na frente de Maguila.

– Você tá ferrado, Ossinho! Agora você tá ferrado! – ameaçou o grandalhão, cerrando os punhos e preparando-se para atacar.

– Acabou, Maguila. Se você erguer um braço pra mim de novo, se você me olhar torto, eu acabo com você de uma vez.

Maguila ainda sangrava pelo supercílio ferido e dolorido e, ao chocar-se com a advertência carregada de tanta confiança, vacilou um segundo.

O silêncio continuou na praça. Ícaro soltou Renata, mas todos ficaram paralisados. Ninguém nunca tinha visto aquilo. Rafael parecia um domador de circo, mantendo o leão parado, estalando um chicote invisível.

– Do que você tá falando, Ossinho? Você acha que alguém vai livrar a sua cara?
Ninguém vai te salvar, palerma.

– Eu comprei um fantasma.

Renata ficou boquiaberta, como os garotos ao redor de Rafael.

– Você o quê? – tartamudeou Maguila.

– Eu comprei um fantasma na internet. Eu comprei um fantasma guardião. Ele vai chegar no meu celular. Ele vai acabar com você.

Maguila, ferido e aturdido, arregalou os olhos e encarou os amigos.

– Eu comprei um fantasma e logo ele estará aqui. Vai fazer você se arrepender. Vai fazer você ficar de joelhos pra mim.

– Você comprou um fantasma? – indagou Fábio Eduardo.

Os amigos se juntaram a Maguila. O líder do bando começou a rir, segurando seu ferimento. Logo todos gargalhavam enquanto Renata voltava para o lado de Rafael.

– Deixa eu ver o seu fantasma! – ordenou Maguila.

Rafael perdeu a pose ameaçadora que tinha assumido e tornou a se encolher.

– Quer me assustar com essa história de assombração, não quer? – perguntou Maguila, dando empurrões em Rafael, fazendo-o bater contra o tronco da árvore mais uma vez. – Quer me assustar, não quer? Hein?

Ícaro voltou a agarrar Renata e a afastá-la, segurando-a com força enquanto Maguila e os demais derrubavam Rafael.

– Eu vou te mostrar o que é assustar. Eu vou acabar com você, Ossinho!

Maguila e os outros começaram a chutar Rafael na barriga e no peito. A violência durou mais de um minuto. Então o bando, que tinha chamado a atenção de um dos moradores de frente à praça, fugiu, quando o senhor ameaçou chamar a polícia.

Rafael levantou-se, com a camiseta rasgada e o corpo dolorido. Os valentões já tinham desaparecido por culpa da aparição do morador que interpelou o menino machucado, perguntando se ele precisava de ajuda para ir para casa ou se precisava ligar para o seu pai.

– Tá tudo bem. Já teve dias piores – disse Rafael, resignado.

– Fale com os seus pais. Isso é uma barbaridade. Quer que eu chame a polícia?

Rafael agradeceu e disse que não precisava.

– Eu sei que não parece, mas eu tenho tudo sob controle.

O casal se afastou da pracinha. Rafael, mancando e carregando sua mochila. Apesar da nova surra, ele tinha um sorriso no rosto. Renata novamente segurava sua mão que latejava. Ele tinha dado um soco no Maguila.

– Que história é essa de fantasma, Rafa?

– Era surpresa. Eu não queria criar expectativas.

– Ele não acreditou em você.

– Azar o dele. No aplicativo diz que o fantasma vai me proteger por sete dias. O Maguila nunca ficou mais que três sem me infernizar.

– Eu achei o máximo que você revidou. Isso já vai fazer ele pensar um bocado antes de te enfrentar de novo.

– Você acha? O meu irmão fala a mesma coisa.

– Seu irmão pode ser um escroto, mas escuta ele de vez em quando. O Maguila foi pra casa sangrando hoje.

Rafael e Renata riram um pouco, ambos lembrando a cara de espanto do fanfarrão.

– Pode apostar, ele vai pensar duas vezes antes de enfrentar você se estiver sozinho.

Rafael coçou a cabeça, não tinha tanta certeza quanto a isso.

– Acho que o Maguila não pensa muito, para nada. Não demorou um segundo para ele e os tontos que ficam com ele me baterem de novo, mesmo a gente tendo ido na diretoria.

– Verdade.

Rafael tirou o celular do bolso.

– Quando a Pé na Tumba entregar o meu fantasma, aí, sim, ele vai ver o que é bom pra tosse.

Renata pegou *smartphone* da mão de Rafael e olhou para a tela brilhante. “Seu fantasma está sendo processado, aguarde.”

– Ah! Pé na Tumba! Você tá de zoeira!

– Não. É sério! Eu tava mexendo no meu tabuleiro de Ouija, tentando me comunicar com o meu pai. Daí a pedra Ouija ficou doida, começou a ir para cima de um monte de letras e de números.

– Sério? Que bizarro! Acho que eu teria tacado esse tabuleiro no lixo e me cagado toda!

– Eu anotei cada letrinha e cada número.

– E como você chegou ao aplicativo? O tabuleiro Ouija é *wi-fi* agora?

Rafael riu, puxando a mochila, e passou a mão no lado direito, onde as costelas doíam. Pelo menos hoje não ia embora sangrando para casa, apenas moído por dentro.

– Não. Isso foi tipo um enigma, manja? Eu fiquei olhando para aquele papel.

– O que é papel? – perguntou a menina, rindo.

Os dois riram.

– Para de me zoar!

– Que método arcaico de comprar um fantasma. – brincou Renata. – Com papel.

Mandou um pedido pelo correio, foi?

– Para de graça e deixa eu contar. Esse negócio dos números e das letras, eu fiquei bolado. Não fazia sentido. Então eu tive a divina ideia de digitar tudo no navegador do meu *smartphone* – disse Rafael, beijando a tela do aparelho. – Ah! Internet! Como eu te amo!

– Rafa, mano, isso é muito maneiro! É muito maneiro!

– Quando eu dei *enter*, abriu um atalho para baixar o aplicativo. Eu nem pensei, baixei e, quando o menu abriu, Rê, eu pirei. Era fantasma para tudo que era lado naquele menu. Eles têm um montão de fantasmas no aplicativo.

– É de graça ou você comprou mesmo?

– Comprei. E é bem caro para um fantasma! O Estrela da Manhã era um fantasma “premium”!

– E como você descolou a grana? Ficou de *mimimi* quando eu falei do segurança por hora!

Rafael parou e deu de ombros olhando para a namorada.

– Foi o Beto quem pagou, não fui eu.

– Ah, tá! Tou até vendo o Beto pagando alguma coisa cara pra você! Conta outra!

– Foi um ato de desespero. Não me julgue.

Renata parou na esquina e segurou o ombro de Rafael, encarando o namorado.

– Rafael, o que você fez?

– Eu peguei o cartão do meu irmão.

– Escondido?

– Se eu pedisse, ele ia fazer igualzinho o Maguila, ia ficar rindo de mim, tirando sarro da minha cara.

Renata abraçou o namorado e lhe deu outro beijo apaixonado.

- Por que está me beijando?
- Porque você foi corajoso. Não sei o que esse fantasma faz, mas já está mudando você!
- Obrigado por jogar na minha cara que eu sou medroso.
- Não. Estou falando o contrário. Estou falando que você teve coragem de fazer coisas para se defender.
- É. Fraudando o cartão do meu irmão e batendo no Maguila. Tou ferrado. Duplamente ferrado. Se esse plano der errado, já estou vendo os dois correndo atrás de mim por toda a eternidade.
- Seu irmão vai ficar doido quando descobrir.
- Só estou rezando para esse fantasma ser processado antes dele descobrir. Daí tá sussa. O Estrela da Manhã vai me defender de dois valentões, e não só de um.
- Será que ele é daqueles bem assustadores?
- A foto dele era bem doida, ele parece um demônio. Acho que o Maguila vai se cagar todo quando vir o Estrela da Manhã na frente dele.
- E o seu irmão? Você vai pedir para o Estrela da Manhã assustá-lo também?
- Vou. Cansei de ter medo. Agora é a vez deles ficarem com medo de mim.
- Se puder, põe o nome da diretora nessa lista também, ela é uma grande de uma... chata.
- Adorei sua ideia, Rê. Pode deixar. O nome da dona Suzana vai ser o primeiro que vou dar ao Estrela da Manhã.

Rafael e Renata voltaram a rir e a caminhar em direção a suas casas. Rafael mancava e seu corpo doía, mas a ele não restavam dúvidas de que aquele tinha sido o dia mais emocionante de suas vidas, salpicado com uma boa dose de esperança. Estrela da Manhã estava a caminho.

Capítulo 6

Ficar longe da Renata estava sendo uma tortura para Rafael aquelas últimas horas. Não tinha episódio novo essa semana de “O último tanque de guerra da Terra” e ficariam na seca de novas aventuras do tanque soviético até que a nova temporada começasse. Aquela noite ele não contou para a mãe sobre a surra nova. Teria que dizer que também machucou o Maguila e ela ia pirar, dizendo que a dona Beatriz ia mandá-la embora de seu emprego num piscar de olhos ou que ia ficar dando para ela as piores clientes e a humilhando na frente de todo e qualquer ser humano sob qualquer pretexto. Era melhor ficar quieto e evitar uma bronca da mãe. Outra coisa que o estava atormentando era o olhar de Beto para ele. Toda vez que o irmão o encarava, Rafael se encolhia na cadeira, já esperando o começo da briga. Ele tinha descoberto. Só podia ser isso. O jeito que ele o olhava estava com jeito de rancor, de raiva. Ele sabia de tudo e o problema é que a mensagem da Pé na Tumba não tinha mudado. Toda vez que abria o aplicativo, lia a mesma mensagem. “Seu fantasma está sendo processado. Aguarde.” Aquilo dava agonia. Quando iam liberar o seu guardião? Precisa do Estrela da Manhã e precisava urgente, do seu lado, para protegê-lo dos perigos que o rodeavam.

Revendo a loucura que tinha feito aquela tarde, não conseguia dormir. Virava de um lado para outro em sua cama, escutando novamente a voz raivosa de Maguila prometendo que iria se vingar, e, conhecendo-o como o conhecia, Rafael sabia que essa vingança viria de um jeito e um jeito apenas. Em forma de uma nova emboscada, de uma nova surra. Aquilo tinha que parar.

Rafael abriu o aplicativo do Pé na Tumba e a mensagem ainda estava lá. Não queria ler aquilo. Queria encontrar um canal de contato. Vasculhou os ícones disponíveis até que encontrou um “fale conosco” e uma “faq”. Lendo as perguntas mais frequentes descobriu que o fantasma poderia ser entregue em questão de minutos ou até mesmo dias, tudo dependia da burocracia tributária do país de destino da assombração. O aplicativo Pé na Tumba se vangloriava em toda e qualquer oportunidade de ser um aplicativo extremamente ético. Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta, aparecia de duas em duas frases e também a seriedade com que a empresa tratava as reclamações de seus clientes.

Ele entrou no Reclame Aqui e não encontrou nenhuma menção ao obscuro aplicativo Pé na Tumba. Aquilo parecia preocupante. Tudo bem que não tinha encontrado reclamações, mas deveria existir algum registro, alguma recomendação ou elogio de algum cliente antigo da Pé na Tumba. Vasculhou as lojas de aplicativos e também não encontrou vestígio algum da Pé na Tumba. Tinha gastado uma fortuna no cartão de crédito roubado de seu irmão e agora estava lidando, literalmente, com uma empresa fantasma que vendia fantasmas.

Finalmente no campo “Fale conosco” encontrou um *link* que abriu o seu aplicativo de *e-mail*. Rafael fez um pedido breve, mas salientando a urgência com a qual precisava que seu fantasma fosse entregue. Sua vida estava em jogo e dependia da proteção do fantasma guardião agora. Clicou em enviar e pousou o *smartphone* na cabeceira da cama, já prevendo uma longa espera pela resposta. Contudo, para sua surpresa, enquanto ainda olhava para o aparelho que tinha acabado de apagar sua tela automaticamente, ele vibrou e tornou a acender. Ansioso, o garoto abriu o aplicativo de *e-mail* e leu a mensagem de Pé na Tumba. A resposta não funcionou como um bálsamo para sua aflição, mas foi de algum alento. O *e-mail*, ainda que parecesse demasiado robótico, dizia que seu pedido estava aprovado e que seu fantasma já estava a caminho. Logo, instruções para instalar o fantasma escolhido *Estrela da Manhã* chegariam ao seu dispositivo, e o fantasma poderia ser evocado. Rafael gostou daquilo. Evocado. Fazia todo sentido. Criaturas do além não eram meramente coisas digitalizadas e enfiadas em *smartphones* através de aplicativos descolados. Uma criatura do além, de verdade, ectoplásmica, maligna, insidiosa, teria que ser propriamente evocada. A última palavra do *e-mail* serviu-lhe de boia salva-vidas para se agarrar naquele mar conturbado enquanto esperava o resgate.

Capítulo 7

Existem manhãs nas quais a gente não quer se levantar da cama. Aquela era exatamente uma delas. Rafael queria ficar debaixo do cobertor, esquecer que tinha uma vida fora de sua casa e não queria de forma alguma encarar a vida real que fluía vibrante do lado de fora. Beto já tinha ido para o trabalho e o sinal vermelho tinha sido ligado por sua mãe, andando pelo corredor, tagarelando e pedindo desculpas. Certamente a chata da dona Beatriz, a metida e arrogante, também conhecida como mãe do Fábio Eduardo, estava aos berros ao celular. Não demorou muito para sua mãe bater na porta e entrar. Ela ficou parada um tempão no batente da porta olhando para Rafael, calada, de braços cruzados e com os olhos vermelhos.

– Vamos! Tem gente esperando por nós na sua escola.

A coisa era séria porque assim que ele se arrumou um táxi surgiu na porta da sua casa.

– Táxi? – o menino perguntou, surpreso.

– Não sou eu que tou pagando, é a dona Beatriz. Ela está com pressa – reclamou a mãe, entrando no veículo.

Ambos foram no banco de trás. Dona Vera, ainda de braços cruzados e irritada, enquanto Rafael ia no canto, olhando pela janela, agarrado a sua mochila escolar.

O motorista do ponto de táxi que ficava em frente ao salão já conhecia dona Vera.

– Problemas na escola, Verinha?

A mulher olhou para o motorista e depois para o filho.

– Esse menino tem cara de inteligente, Verinha.

– O que tem de inteligente, tem de burro, se saiu ao pai.

Rafael olhou para a mãe. Ela nunca falava do pai daquele jeito.

– Deu pra arrumar briga na escola. Vê se pode?

O motorista deu uma espiada pelo retrovisor.

– É normal, é coisa de moleque. Perdi três dentes antes de sair do ginásio – disse o taxista. – Mas também ninguém mexia com a gente.

– Sorte sua ter sobrevivido ao ginásio, seu Leco. Agora veja você, um menino, que sempre foi um doce de criança, começar com essa coisa de machucar os outros.

– Aposto que ele estava só se defendendo. É ou não é, Rafael?

– É – murmurou o menino.

Rafael tirou o *smartphone* do bolso e olhou para a tela. “Seu fantasma está sendo processado. Aguarde.”

– Ai que vontade de te esganar! – gritou a mãe. – A dona Beatriz vai acabar comigo. Seu eu perco esse emprego, moleque. A gente vai morar na rua, vai pedir esmola, sei lá o que vai acontecer! Você tem que ficar quieto no seu canto, eu já falei!

– Calma, Verinha! No meu tempo eu tinha os meus irmãos pra andar comigo. Ele precisa andar mais com o irmão.

– Ele tem é que escutar a mãe dele, Leco. É isso que ele tem que fazer. O irmão dele já é moço, já é homem, trabalha e tudo. Não tem tempo pra ficar correndo atrás de problemas de criança, não.

O táxi foi parando, já estavam chegando ao colégio.

Vera saiu pelo lado direito, rápida e nervosa, enquanto Rafael escorria pelo lado esquerdo do banco, pisando a calçada, lentamente, querendo mais ficar ali dentro do táxi do que ir para a escola encarar as consequências da tarde anterior.

– Vai lá, filho. Não dá mole, não. Se tão te espremendo, desce o cacete mesmo. Você não tem irmão do teu lado, mas não esqueça de que nunca está sozinho. Se apegue a ele, ó! – disse o taxista, apontando para o alto.

Rafael desceu do táxi e seu braço foi agarrado pela mão da mãe. Ele poderia pensar na vergonha de ser arrastado até a sala da diretora, mas ficar embaraçado na frente de seus amigos era o último de seus problemas. Seu problema é que a tela do *smartphone* não mudava. O taxista estava errado porque, sim, ele estava sozinho. Estrela da Manhã não tinha chegado ainda e teria que enfrentar a todos os seus detratores, de uma vez, sozinho.

Enquanto subiam as escadas até a sala da diretora, trombaram com Darla, carregando uma pilha de papéis da secretaria.

– Dona Vera! A senhora por aqui! – disse a candidata a nora toda animada.

– Agora, não, Darla. Não é uma boa hora.

– Nossa, calma, o que foi? – indagou Darla, colocando os papéis num banco do corredor. – Nunca vi a senhora assim, tão nervosa.

– Eu não estou nervosa! Eu estou possessa! Possessa e desapontada.

Rafael era uma sombra ao lado da mãe.

Darla olhou para o cunhadinho e torceu a boca, já adivinhando que tinha algo a ver com o nojento do Fábio Eduardo.

– Olha, dona Vera, se a senhora quiser, eu falo com a diretora junto com a senhora. Sabe, não está sendo fácil pro Rafa aqui na escola, não.

– Não está sendo fácil? Ele só precisa vir assistir às aulas e não precisa fazer mais nada. Só precisa estudar para ter uma vida digna. E fica aqui arrumando confusão.

– Ah, mas não é bem assim, não. Aposto que tem a ver com o Fábio Eduardo, não tem?

Dona Vera enrugou a testa e olhou para o filho e para a cunhada.

– Você pediu pra ela te defender, é?

– Eu não, mãe. Ninguém me escuta aqui.

– Mas eu sei que o Fábio Eduardo é um pé no saco – cochichou Darla para os dois. – Todo mundo defende ele, dona Vera, e ninguém fica do lado do seu filho.

Vera bufou.

– A senhora deveria ficar do lado do seu filho, sério. Ele é uma graça. Puxou o irmão.

Rafael sorriu, mas o sorriso não durou. Dona Beatriz surgiu na escadaria, subindo, com Fábio Eduardo ao seu lado, com um curativo enorme na testa, sobre o olho esquerdo. Parecia que tinha sido atropelado por um tanque de guerra.

Os quatro rumaram para a sala da diretora, enquanto Darla seguiu o seu caminho.

A diretora Suzana esperava as mães e os filhos em sua sala e foi toda atenciosa com dona Beatriz, oferecendo café ou suco para ela para o filho e também para os outros dois envolvidos. A diretora fez um discurso longo sobre a não violência no colégio e como era lamentável ver a que ponto aquela confusão entre os dois estudantes tinha chegado.

– Meu filho precisou ficar em observação por oito horas no hospital essa madrugada. Mal dormi, Suzana, mal dormi. Fiquei preocupada demais com tudo isso e com as bolsas que iam se formar debaixo dos meus olhos pela noite mal dormida. Como eu, a dona do melhor salão de estética desta cidade, posso chegar aos frangalhos para uma reunião na escola?

– Imagina, dona Beatriz. Faz favor. A senhora está sempre linda. Está ótima hoje.

– Não. Não estou. Estou péssima. Essa briga entre esses dois tem que parar. Vera, você precisa controlar a agressividade do seu filho. Olha o que ele fez com o pobre Fábio Eduardo.

Fábio Eduardo estava tão calado e parecia tão embaraçado quanto Rafael, com aquele semicapacete de gaze sobre o seu olho esquerdo.

– Um soco. Um soco no olho do meu filho.

– Me desculpe, dona Beatriz. Isso não vai acontecer de novo, não é, Rafael? – disse a mãe, olhando para o filho.

Rafael arregalou os olhos, horrorizado com a postura da mãe. Era hora de ela defendê-lo. Indignado, ele protestou:

– Mas eu não fiz nada! É o Maguila que vive me perseguindo! Ele e a gangue dele, porque ele nunca vem sozinho!

Vera deu um beliscão no braço do filho, que se calou na hora e esfregou o braço machucado.

– Nada? Como você tem coragem de dizer que não fez nada, mocinho? Oito pontos. Oito pontos e oito horas de observação. Fizeram até tomografia, pobre coitado, com medo de algum trauma mais profundo. Isso é uma selvageria.

Rafael mordeu os lábios, nervoso. Queria gritar, queria sair dali. Não era possível que estavam todos contra ele.

– Eu, como diretora, já aconselhei tanto o seu filho, dona Vera. O Fábio Eduardo é temperamental, todo mundo sabe, então cabe ao Rafael ser mais compreensivo.

– Eu sei que a senhora faz um excelente trabalho aqui, dona Suzana. Você e a professora Tina são e sempre serão bem-vindas na minha clínica de estética. Faço questão de toda semana presenteá-las com o que há de mais moderno no meu espaço de beleza feminina, afinal, vocês são as heroínas dessas crianças, devem estar sempre maravilhosas, lindas. Meus presentes são dados de coração, mas essa brutalidade tem que ter fim.

– Eu já entendi, dona Beatriz. – interveio novamente Vera. – O Rafael não vai mais chegar perto do Fábio Eduardo de jeito nenhum, eu prometo.

– Seria muito bom que não precisássemos ter essa conversa novamente, Verinha. Eu gosto muito de você como funcionária, mas os laços familiares precisam ser protegidos antes dos laços de trabalho. Eu cuido muito bem do meu filho e seria uma pena tê-la que afastar do salão. Sei como não está fácil conseguir emprego hoje em dia.

– Não. Não será preciso. Não teremos mais essa conversa. O Rafael sabe muito bem o lugar dele e não vai mais incomodar o Fábio Eduardo. Peça desculpas ao menino, Rafa.

Maguila abriu um sorriso vendo o inimigo encurralado pelas mulheres.

Rafael sentia seu rosto queimar. Sabia que suas bochechas estavam vermelhas. Não era ele quem tinha que pedir desculpas naquela sala. Eram elas. Cada uma delas e também aquele idiota, mimado e cara de pau do Maguila!

– Rafael!

O menino bufou vencido. De que adiantaria lutar? Para que resistir àquela nova violência? Sentiu o celular vibrar dentro de sua calça e chegou a colocar a mão no bolso. Tudo o que queria era alguém para ajudá-lo a enfrentar todos que estavam contra ele naquele momento.

– Rafael!

– Me desculpe – disse, vencido.

– Agora, apertem as mãos como bons amigos – disse dona Suzana.

Dona Beatriz empinou o nariz, incomodada. Talvez não fosse necessário um final tão dramático.

– Vamos – insistiu a diretora.

Os dois meninos se aproximaram e estenderam as mãos.

– Eu te desculpo, Ossinho – disse Fábio Eduardo, destilando um balde de falsidade.

– Fico feliz que tenham se entendido – disse a mãe de Fábio Eduardo jogando sua echarpe sobre o ombro e andando até a mesa da diretora. – Espero a senhora e a professora esta semana em meu salão para uma sessão grátis de massagem – disse, colocando dois cartões promocionais sobre a mesa da diretora. Virou-se, encarando Vera e Rafael. – Te espero no salão em uma hora, dona Vera. A gente tem muito que conversar.

– Mãe – chamou Fábio Eduardo.

Beatriz virou-se para o filho e ergueu o queixo.

– Não estou me sentindo bem. Podemos ir para casa?

Beatriz olhou para a diretora.

– É claro. Pode levar seu filho. É totalmente compreensível sua indisposição depois dessa violência toda.

– A gente pode ir na PetGigante comprar meu cachorro novo?

Beatriz revirou os olhos.

– Você e esses cachorros, Fábio Eduardo! Escolha um que sobreviva, Cristo!

Mães e filhos deixaram a sala da diretora Suzana. Enquanto dona Beatriz deixava a escola a bordo de seu carro de luxo, Vera e Rafael sentaram-se em um banco no pátio. Rafael estava calado, de braços cruzados e visivelmente ressentido com o que tinha enfrentado minutos atrás. Encarava a mãe com olhos vermelhos e marejados sem dizer palavra.

– Não fique me olhando assim. Desse jeito você só faz eu me sentir pior do que já me sinto. Acha que eu gosto dessa situação?

– Não, mãe.

– Como você acha que eu vou manter a comida em casa se eu perder esse emprego? Como você acha que eu vou conseguir outro emprego?

– Não sei.

– Tudo o que eu quero é continuar pagando seu colégio, quero que você tenha a chance de ter uma vida diferente da minha. Você e o Beto são tão espertos, tenho tanto orgulho de vocês, mas você precisa de uma boa escola, precisa comer, precisa ter roupa e pra isso eu tenho que trabalhar pra aquela babaca, neurótica, louca.

Rafael abraçou a mãe.

– Não crie mais confusão com esse menino. Ele é um idiota. Não seja um idiota você também.

– Eu só queria que você me defendesse, mãe. Que não deixasse a dona Suzana falar daquele jeito de mim, que não deixasse a mãe do Maguila se sentindo a dona do pedaço, igual o filho dela faz aqui na escola.

Vera agarrou o filho pelos ombros e o chacoalhou.

– Às vezes eu tenho vontade de sumir, sabia? Você vai me deixar louca! Não importa quantas vezes eu te explique, parece que você não quer entender! Eu estou impotente nesse caso!

– O papai não ia deixar isso acontecer!

Vera deu um tapa no rosto de Rafael, levantou-se e deu as costas para o filho. Saiu pisando duro, sem olhar para trás.

Rafael ficou parado, sem ação. Lágrimas brotaram em seus olhos e não tardaram a descer pelas bochechas. Sua mãe nunca tinha lhe encostado um dedo. Sua vontade era levantar e correr atrás da mãe e pedir desculpas, mas algo dentro dele dizia para não fazer isso. Algo em seu bolso, vibrando, dizia para ficar bem ali, parado e esperando.

Pegou o celular e olhou para a tela. Seu rosto não mudou, estava triste e arrasado com a violência da mãe, do contrário estaria dando pulos de alegria. Era uma nova mensagem do aplicativo Pé na Tumba. “Parabéns! Seu fantasma foi processado e os procedimentos para a ativação estarão à disposição à meia-noite.”

“Meia-noite?”, pensou Rafael. “Esses caras levam essas coisas bem a sério! Meia-noite!”

Rafael levantou-se, colocando a bolsa no ombro, e rumou para a sala de aula, secando as lágrimas que tinham descido dos olhos. Estava farto daquela escola. Estava cansado de chorar. Só queria ir para casa e esconder-se em seu quarto. Queria botar as mãos no seu fantasma de estimação e dar um fim na sua agonia. O Maguila ia ver só o que era bom para tosse.

Rafael não foi para a sala de aula. Entrou no banheiro masculino e sentou no chão, no último *box* junto à parede. Baixou a cabeça e chorou por mais de cinco minutos abraçado a sua bolsa. Sentia-se humilhado com a situação na sala da diretora Suzana e envergonhado com o episódio final e inesperado de sua mãe sentando um tapa na sua cara no meio do pátio. Seu rosto ainda ardia e deveria estar vermelho. Começou a arranhar o rosto contra a parede para que a marca dos dedos da mãe desaparecesse. Ficaria ali até a hora do intervalo e então daria um jeito de escapar da escola e fugir para sua casa. Não queria ver ninguém. Ninguém.

Capítulo 8

À noite, a campainha tocou mais de uma vez. Ainda era cedo, Rafael tinha caído no sono enquanto estudava. Como a campainha seguia insistente, o menino concluiu que não tinha mais ninguém em casa. Olhou pela janela da sala e viu Darla no portão. Atravessou a garagem de chão de pedra e girou a chave na fechadura, deixando a namorada de sorriso bonito do irmão entrar. O Beto tinha sorte com as garotas e agora ele podia dizer que tinha também, afinal de contas a Renata era a menina mais bonita da sala de aula, talvez a mais bonita do colégio inteiro. Rafael amava como os cabelos encaracolados de Renata balançam em seu rabo de cavalo e, às vezes, as mechas enrodilhadas paravam na frente de seus olhos castanhos.

Darla entrou e foi para a sala ficar de papo com dona Vera, enquanto Rafael voltou para seu quarto olhando para a tela do celular pela milésima vez. A contagem regressiva continuava lá. Sua ansiedade era tanta que já tinha roído todas as unhas e nem conseguia se concentrar em outras distrações para passar o tempo.

Beto saiu do banho e entrou no quarto com a toalha enrolada na cintura, agitando os cabelos escuros com as mãos.

– Hoje eu vou me dar bem com a Darla! – gabou-se o irmão.

– A Darla é demais. Você é sortudo.

Beto abriu o guarda-roupa, tirando uma camiseta e uma cueca da gaveta.

– Sortudo nada, garoto. Eu tenho é pegada. Audácia. Quando a vi na festa da Aline, não quis nem saber, já cheguei colando.

– Você é corajoso, então.

Beto abriu um sorriso largo enquanto colocava a camiseta e jogava a toalha na cama.

– A mãe já disse pra você não deixar a toalha molhada na cama.

– Eu sou corajoso mesmo. Igual o papai. Tá no meu sangue. Devia estar no seu.

– Eu sou inteligente igual o papai. Devia estar no seu também.

– Você apanha daquele Maguila porque você é trouxa, moleque. Você precisa crescer, precisa encarar aquele pamonha. Já falei e já repeti.

– Ontem eu fiz isso, por isso fui parar na diretoria e por isso a mãe teve que ir lá hoje – Rafael ergueu o *smartphone*, olhando para os números que iam se reduzindo mais uma vez. – E eu não acredito em violência.

– Por isso que vai sempre apanhar. Por isso que vai tomar pancada na vida. E vai fazer o que toda vez que isso acontecer? Vai vir chorando pro meu lado pedindo para eu resolver seus problemas até a gente ter uns setenta anos?

– Não tô pedindo pra você resolver meus problemas.

– Desde que você apareceu, é isso. Eu tenho que dar conta das suas merdas. Se você perdia a chupeta, o trouxa aqui tinha que ir procurar. Cansei de ser sua babá. Cresce! Você já tem onze anos! Não é mais um bebezinho!

Rafael encolheu as pernas sobre o colchão.

– E o que você fez para ir para a diretoria?

– Eu dei um soco no Maguila.

– Aí, sim! Agora tá falando que nem homem! Meteu a mão no folgado, foi?

– Foi. Daí deu um rolo do caramba. A mãe, ao invés de me defender, ficou pedindo desculpas pra dona Beatriz e pra diretora. Foi constrangedor.

– Ela tá certa! Tá olhando o rabo dela. Se ela perder o emprego, quem é que vai comprar comidinha pra você?

– Você que não vai.

– Não vou mesmo, moleque. Eu só estou juntando uma grana pra rapar fora daqui. Vou alugar uma *kit* com a Darla. A gente vai picar a mula deste hospício de merda.

– Não tem problema. Eu sei que não posso contar com você mesmo. Nunca ninguém me ajuda.

– Ah! Pobrezinho dele. Vai chorar, agora?

– Não. Eu comp... eu descolei uma coisa.

Beto virou-se para Rafael, ignorando a tela do *notebook* por um segundo.

– Uma coisa? Que coisa?

– Um fantasma.

– Fantasma? Que fantasma?

– É. Eu baixei um aplicativo e descolei um fantasma. Ele vai me ajudar. Vai dar um jeito no Maguila e em todo mundo que me enche o saco.

– Fala sério. Tá de saca?

Rafael ergueu o *smartphone* mostrando a tela. Beto apanhou da mão do irmão ouvindo seus protestos.

– Larga meu celular! Eu não fico mexendo nas suas coisas!

– Calma, fedelho, calma. Só tou dando um “bizu” no *design* dessa coisa – justificou Beto, segurando Rafael pela cabeça como sempre fazia.

Beto clicou no aplicativo Pé na Tumba.

– Olha, não é que o *design* dos caras é maneiro? Mostrou isso pra Darla?

Rafael arrancou o celular da mão do irmão e olhou para a tela. Não havia novas mensagens.

– Não. Não falei pra ninguém. Estou esperando o fantasma chegar.

– Mas tu é um mané mesmo, não é? Deixa de ser otário. Desde quando fantasma existe, moleque? Tá achando que vai cair ajuda do céu ou do inferno? – Beto bateu na borda do *notebook* três vezes. – Vinda de um aplicativo de celular de merda? Ah! Dá um tempo! Às vezes você é tão burro que dói.

– Burro é você que vai perder a Darla pro primeiro cara que for legal com ela lá no seu escritório!

Beto levantou e deu um cascudo em Rafael, que caiu sentado entre as camas, com a cabeça coberta, se protegendo do próximo golpe.

– Não fala da Darla, moleque! Você ainda não tem nem pelo no saco pra entender dessas coisas. Quando você arrumar uma mina, aí a gente conversa.

Rafael levantou e correu do quarto e Beto foi atrás, batendo na porta do banheiro quando o irmão caçula se trancou lá dentro.

– Abre essa bosta! Não quis falar da minha namorada? Agora me encara, seu merdinha!

– Parem com essa gritaria! – berrou a mãe da sala. – Não dá nem pra assistir televisão em paz nessa casa!

Beto continuou esmurrando a porta até cansar.

Rafael pegou seu celular e olhou para a tela mais uma vez. Tinha uma contagem regressiva na tela com o logotipo da Pé na Tumba. Rafael, sentado sobre a tampa do vaso, ouvindo as batidas na porta e as vozes irritada do irmão e da mãe, baixou a cabeça e segurou o *smartphone* entre as mãos. Ele tinha que chegar logo.

Eram duas horas da manhã quando Rafael rastejou para fora da cama. Não estava com sono nem com medo. Estava ansioso. Tinha tido que esperar seu irmão mais velho dormir. Ficou escutando a irritante campainha do *whatsapp* até perto de uma e meia da manhã, quando ele finalmente sossegou e tudo ficou quieto na casa inteira. Esperou mais um pouco para ter certeza de que ele tinha caído no sono e então escutou o primeiro ronco. Beto, quando resolvia dormir, capotava.

Do corredor olhou para a casa escura. O quarto da mãe, em profundo silêncio. Agora só tinha sobrado o ruído da geladeira outra vez. Caminhou descalço até a sala e acendeu a tela do *smartphone*. A contagem regressiva já tinha acabado e uma mensagem que o tinha deixado com comichões tinha surgido desde a meia-noite, quando ele teve vontade de pegar um pedaço de pau e dar na cabeça do Beto para ele desmaiar mais cedo. A mensagem dizia:

“Seu fantasma *Estrela da Manhã* está pronto para ser evocado. Pressione em *pronto* para iniciar”.

Rafael respirava rápido. Seu peito subia e descia, tomado de emoção. A única luz na sala era a da tela de seu celular. Na rua o silêncio imperava como se todos os cães do bairro, que costumavam ladrar noite adentro, soubessem que um momento solene acontecia para aquele menino dentro daquela casa em especial. Rafael apertou a tecla *pronto*. O logotipo da Pé na Tumba tomou a tela do celular e uma risada alta espocou do aparelho, assustando o garoto. O susto não foi com a risada em si, mas com o barulho. Ele não queria que ninguém acordasse. Queria fazer aquilo sozinho. Queria estar sozinho com o seu protetor. Uma nova mensagem surgiu na tela. “Tem certeza de que deseja evocar o seu fantasma *Estrela da Manhã*?”

“É claro que eu tenho! Esperei por isso a minha vida inteira!”, pensou, clicando em “sim, tenho certeza”.

“Pressione aceitar os termos de uso. Ao aceitar os termos de uso você concorda que é responsável por sua alma e que toda e qualquer ação tomada pelo seu fantasma guardião – seu fantasma escolhido foi *Estrela da Manhã* – é de sua inteira responsabilidade e aceitação, eximindo a provedora de acesso a guardiões do outro lado de qualquer responsabilidade. Baixe e leia os termos de uso e responsabilidade completos no *site* Penatumba.com.”

“Blá-blá-blá, eu aceito!”

“Parabéns, adorador do oculto! Siga precisamente as instruções para evocar o seu fantasma guardião.”

“Estrela da Manhã, com os asteriscos”, brincou Rafael em seus pensamentos.

“Para ativar seu fantasma você precisará desenhar um pentagrama em um local que fique protegido por sete dias. Observe o desenho e boa sorte.”

Rafael olhou para a animação que surgiu na tela do celular.

– Caraca, isso é grande!

Coçou a nuca, preocupado. Se fizesse aquilo na garagem, caramba, a mãe ia apagar, com certeza. Ela detestava tudo que ele fazia para tentar falar com o pai. Nunca ia deixar um pentagrama pintado no chão da garagem. E tinha outro problema, o Beto ia ficar encarnando, tirando sarro dele e talvez pudesse até se ligar na compra feita em seu cartão de crédito. Rafael coçou o braço e sentou no sofá olhando para a TV desligada e para o chão. Como ia fazer? Já ia desistir, assim, fácil no primeiro obstáculo? O telhado! Podia subir no telhado e desenhar lá em cima. Rafael correu até a cozinha e girou suavemente a chave na porta, destrancando e saindo para o corredor. O ar frio da madrugada descia pelo corredor junto com a luz da lua, pintando de sombras e brilho o chão de cacos de azulejos do tempo de sua avó. Olhou para o muro. Já tinha subido mil vezes aquele muro. Como ia pintar as telhas? E se quebrasse uma telha? Com que tinta ia pintar o pentagrama? Voltou para dentro de casa agitado. Aquela empresa era trapaceira! Nunca tinha falado nada em pentagrama, em pinturas e trabalhos manuais. Pensou que era só pagar e ter o seu fantasma guardião para protegê-lo! Tudo digital. Propaganda enganosa. Tinha pagado por um pacote completo, *premium*, com tudo vindo do maravilhoso mundo da internet, da *deep web*, de zeros e uns. Saco! Contudo lembrou-se de seus próprios pensamentos ao ler a palavra “evocar” pela primeira vez na tela do *smartphone*. Fazia sentido. Uma criatura do além não podia simplesmente brotar do nada. Aquela mundo do oculto, ainda que intermediado pelos zeros e uns da informática, era feito de rituais que iam além de cabos e *wi-fi*. Todos os rituais de magia que tinha estudado, perseguindo uma forma de trazer o pai de volta, todos, explicavam que esse transporte de um mundo para outro só se daria através de portais abertos por nós, humanos, com a nossa vontade e com nosso desejo e uso do livre-arbítrio. Parou de maldizer a prestadora de serviços e voltou sorrateiro para o seu quarto. Vasculhou sua gaveta onde deixava o material escolar. As tintas guache e óleo da aula de artes estavam ali. Giz de cera e canetas hidrográficas. Teriam que bastar. Voltou para a sala. Um local protegido. A sala era pior que a garagem. A mãe assistia TV todas as noites ali. Ficava no sofá “relaxando” e se esquecendo dos problemas com um olho na TV e outro no celular, soltando risadas esporádicas que pareciam aliviar o seu espírito. Os olhos de

Rafael se arregalaram. O tapete! Era isso. A mãe não tirava o tapete toda semana para lavar e era incumbência dele deixar a sala arrumada. Ninguém ia olhar embaixo do tapete! Ajoelhou-se e enrolou a grossa peça de tapeçaria. Ficou olhando para o chão de madeira. Era isso. Era isso.

Rafael abriu a bisnaga de tinta óleo e besuntou os dedos. Sabia de cor o que era um pentagrama e sua ligação com o ocultismo. As coisas sempre mudavam, o símbolo podia ser lido de uma porção de maneiras, mas ele sabia exatamente a maneira que o aplicativo o leria. Em sua forma mais nefasta. O portal para receber a criatura do além. Era isso. Em todos os livros de ocultismo, em todos os *sites* obscuros os ensinamentos diziam a mesma coisa. Um fantasma só poderia vir do outro lado através de um portal. A ele não importava nem um pouco de onde precisamente viria o enviado da Pé na Tumba. Tudo o que ele queria era alguém para estar ao seu lado. Só isso. Nada mais importava. Em três minutos o pentagrama estava desenhado com trechos em tinta óleo, que iam sujar o fundo do tapete, ele sabia muito bem, e com traços em guache que iam aguentar bem, reforçados com rabiscos de giz de cera vermelho e vinho. O menino ergueu o celular e pressionou em “pentagrama completo”. Uma nova mensagem pipocou através do aplicativo Pé na Tumba. “Precisamos ter acesso a sua câmera, seu microfone e sua biblioteca de fotos – permitir”. Rafael bufou. Quanta porcaria. Assim que concordou, uma nova mensagem e o apito característico. “Levante seu *smartphone* e aponte para o pentagrama.”

Rafa obedeceu, agora mais intrigado do que ansioso. Apontou a câmera do aparelho para o pentagrama desenhado, vendo um pentagrama digital pintado na tela do seu celular. Entendeu que tinha que casar a imagem desenhada no chão com a imagem representada no aparelho. A Pé na Tumba queria conferir se o portal estava propriamente desenhado. Achou interessante. Subiu no sofá e apontou para o chão. O pentagrama vermelho na tela de seu *smartphone* ficou azul e então a câmera disparou junto com o *flash*. Aflito, Rafael olhou para o corredor. Tudo quieto, todos dormindo, tudo bem. Olhou de novo para o celular. “Analisando”, dizia a mensagem com o pequeno e conhecido pentagrama descolado girando. Uma barra de *status* foi se enchendo até completar. “Acenda as velas como demonstrado na imagem.”

Usando a própria foto enviada do celular de Rafael agora havia uma representação na tela mostrando as velas nas pontas do pentagrama.

– Aaaaah! – berrou o garoto. – Que saco! Não falava nada de vela! E agora? Por que não mandaram a receita antes?

Rafael olhou para a estante. As velas aromáticas da mãe podiam ajudar. Voltou da cozinha com uma caixa de fósforos e foi colocando as velas nas cinco pontas da estrela desenhada no chão. O cheiro de canela e lavanda tomou conta do ambiente enquanto o garoto erguia novamente o celular até que o aplicativo capturasse automaticamente a imagem mais uma vez.

“Perfeito! Seu fantasma será evocado agora! Deseja continuar?”

– É claro!

“Coloque o aparelho receptor no centro do pentagrama como mostra imagem e proceda com o ritual de evocação como indicado.”

Os olhos de Rafael moviam-se rapidamente com sua pupila focada no vídeo que se desenrolava na tela do *smartphone*. Era agora. Seu fantasma estava a caminho. Bastava seguir aquelas instruções. Colocou o celular no centro do pentagrama, uma oração com palavras incompreensíveis emanava dos alto-falantes do aparelho, sendo repetida várias vezes, até que o menino, vidrado e concentrado no ritual, começou a repetir as mesmas palavras de modo automático. Seu coração batia acelerado. Agora o vídeo animado em vetores, coloridos em preto e vermelho, mostrava o próximo passo. Uma faca espetando a ponta de um dedo e três gotas vermelhas caindo sobre a tela do aparelho. Rafael não tinha medo de evocar um fantasma. Aquilo era tudo o que sempre quisera, um protetor. Não importava de onde ele viria, mas tinha medo, sim, de furar o dedo. Fechou os olhos, mantendo o ritmo de sua voz. Só precisava de umas míseras gotinhas, diabos! Voltou da cozinha com a faca mais pontuda da casa. A mão empunhando a lâmina tremia. Puxou a lâmina com rapidez e decisão e sentiu o ardor do corte. Abriu os olhos, lívido e assustado, mas certificando-se de que a tarefa seria concluída. Tinha tido a coragem final que faltava. Agora seria libertado de todos que lhe faziam mal. Gotas grossas de sangue pingaram de seu dedo sobre o celular, e a voz automática que saía do aparelho continuou mais rápido, passando da oração para um cântico nunca ouvido pelo garoto. Rafael sentiu um vento tocar o seu rosto e balançar os seus cabelos, mas era impossível. A janela estava fechada. As luzes das velas tremeluziram e a lufada de vento aumentou. Então as chamas se apagaram e a voz do ritual cessou. Rafael, tonto e ajoelhado, oscilava o corpo, como se algo o movesse. Levou alguns segundos até conseguir ficar parado, imóvel, olhando para a tela ensanguentada do celular, a única luz na sala. Ouviu o *bip* característico de uma nova mensagem da Pé na Tumba, e o brilho abaixo do seu sangue translúcido deixava saber que realmente existia um novo aviso. Limpou a tela com a camiseta. O dedo latejava e

ardia, mas seu coração acelerado não estava nem aí para a ferida. Queria saber o que estava escrito na tela. Tinha o seu fantasma?

“Congratulações! Seu fantasma foi evocado com sucesso! Desfrute das vantagens de ter seu próprio fantasma por sete dias! Contamos com sua avaliação positiva no futuro!”

Rafael respirava rápido, ainda ajoelhado, olhando para a mensagem. Era uma brincadeira? Tudo uma brincadeira? Não podia ser. Ele tinha pegado o cartão do irmão, tinha pagado por aquilo. Olhou para o pentagrama, as velas apagadas. Realmente alguma coisa tinha acontecido ali. Não podia ser uma tramoia. Tinha sido o seu primeiro contato genuíno com o oculto. Ele podia sentir na pele que algo tinha mudado ali, na sala de sua casa. Não podia ser uma farsa. Seu fantasma tinha que estar lá, em algum lugar.

De repente, o garoto sentiu o ar da sala mais frio. Soltou uma lufada de névoa pela boca e começou a esfregar os braços. Ele sabia o que era aquilo. Já tinha lido. Era o outro lado se manifestando. Algumas criaturas do oculto, quando tocavam o plano dos vivos, roubavam energia do ar, fazendo-o esfriar. Rafael sentiu os pelos do braço se arrepiarem quando olhou para a cortina da sala. Ela se movia lentamente mesmo sem vento algum passar pela janela fechada. Ela não estava sendo soprada, ela estava ganhando volume como se algo estivesse ali atrás do tecido, escondido. Começou a tremer e apertou o *smartphone* em sua mão direita. A cortina continuava ondulando e se enchendo, algo atrás dela existia e transitava, lentamente, para dentro da sala fria. Abriu a boca, admirando os contornos do que acreditava ser o seu fantasma. Era alto, muito alto. O tecido ondulou para cima. O fantasma, com na foto, tinha mesmo chifres. As partes da cortina se separaram, abrindo-se de forma fantasmagórica. Rafael deu dois passos para trás com os olhos arregalados, acompanhando o ulular macabro do tecido.

– Você está aqui, Estrela da Manhã?

Rafael olhou para os lados, sentindo a pele esfriar ainda mais. A sensação de estar encarcerado dentro de uma câmara frigorífica era como ter sua pergunta respondida positivamente. Mas ele precisava saber. Precisava ver com os próprios olhos.

– Eu consegui? Eu trouxe você pra cá?

Rafael soltava névoa pela boca a cada respiração. O silêncio na casa e na rua era sepulcral, como se o tempo tivesse parado para que ele recepcionasse o seu fantasma particular.

– Eu quero te ver! Eu preciso te ver!

As velas se acenderam, fazendo Rafael dar um pulo no lugar, encostando-se na parede, próximo à porta. Contudo, não queria escapar dali. Finalmente sentia-se seguro. O que quer que fosse que tivesse chegado através daquele portal, o que quer que fosse que tivesse ondulado as cortinas de sua sala e tivesse feito as velas se acenderem novamente estava ali para protegê-lo, e não para molestá-lo. Estava acontecendo, bem diante de seus olhos! Rafael tinha o seu fantasma! Conseguia senti-lo, conseguia percebê-lo, parado, bem ali. Só não conseguia vê-lo. Foi então que sentiu sua mão vibrar e arremessou o *smartphone* contra o sofá, tamanho o susto repentino. Ficou congelado, olhando para o pentagrama, sendo absorvido por aquela sensação de proximidade com algo que não podia ver, algo sobrenatural. Precisa enfrentar aquela imobilidade. Precisava vencer aquela paralisia para conseguir o que mais queria. Trêmulo e gelado, olhou para o sofá e apanhou o celular. A mensagem que estava na tela era clara: “Veja!”.

Rafael clicou sobre a mensagem, fazendo-a desaparecer, intuindo o que tinha que fazer. Ergueu o celular com o aplicativo ligado. A bateria estava acabando, seu medidor destacava em vermelho. A câmera já estava acionada. Ele apontou para a frente, olhou e tapou a boca com a mão para não gritar. Ele estava lá! Parado em cima do pentagrama! Seu fantasma guardião! Estrela da Manhã estava curvado para não tocar seus imensos chifres encaracolados no teto. Ele o olhava, com um sorriso largo e uma cara de bode, dotado de uma boca aberta cheia de pequenos dentes serrilhados que pareciam afiados. Seus olhos de fantasma pareciam duas brasas vivas, ardentes. Rafael foi baixando a câmera e vendo os braços e as pernas de seu fantasma. Era igualzinho ao da fotografia do Pé na Tumba. Ele tinha um couro, que parecia grosso, cobrindo todo seu corpo, com pelos também de bode, marrom escuro com faixas negras que iam para suas costas. Seus pés terminavam em cascos e moviam-se, mantendo o monstro equilibrado.

– Não acredito! Você está aqui!

– Estou – confirmou uma voz grave e profunda, vinda do aparelho.

– Você me entende! Que maravilha! Eu não acredito que eu tenho o meu próprio fantasma!

– Por sete dias eu serei seu fantasma guardião e te protegerei de todo mal.

Rafael soltou um grito junto com outra nuvem de vapor.

– Graças a Deus! Minhas preces foram ouvidas! Ah! Meu fantasma! Agora o Maguila vai ver o que é bom pra tosse! Eu tenho um guardião! Eu tenho um protetor! Finalmente! Finalmente!

Rafael aproximou-se do pentagrama e colocou o celular no bolso, abrindo os braços.

– Eu queria te sentir para te abraçar! Eu sempre quis ter alguém que cuidasse de mim! Estou tão feliz que você veio, Estrela da Manhã!

– Estou aqui para protegê-lo contra seus inimigos, meu amo. Diga-me quem lhe causa aflição que eu providenciarei sua proteção.

– Eu... eu nem sei por onde começar.

– Ficarei sete dias, preciso de sete nomes para providenciar sua proteção.

– Isso parece um sonho!

– Será um pesadelo para seus desafetos, posso garantir. Nenhum deles jamais voltará a te perturbar.

– Eu não acredito! Não acredito que tem alguém me ouvindo, me ajudando!

– Vamos, diga-me quem são seus inimigos! Tenho um trabalho a fazer! Sete dias, sete nomes!

– A diretora Suzana, ela vive me atazanando na escola. Cara, como ela é chata! Ela pega no meu pé por causa da mãe do Maguila. A professora Tina também. O nome dela é Leontina, mas o apelido é Tina, e ela adora me perseguir. Mas essas são café pequeno. Quem me persegue mesmo, quem bate em mim e é um desgraçado é o covarde do Maguila. Esse é o pior. Cara, ele vai se borrar todo quando te ver! Ele vai te ver não, vai? Anote bem aí o nome dele. O Maguila é o Fábio Eduardo, pra não ter erro. Ele é o pior, ele vive me batendo. Ele me persegue. Não tem um dia que ele me dá folga. Já estou cansado de apanhar dele. Hum. Ele já me bateu umas, põe aí, umas duzentas vezes. Sete nomes, droga, parece pouco. A mãe dele, a dona Beatriz, é um pé no saco, chata, metida do caramba. Ela é do mal também. Tem o meu irmão também. O Roberto, que eu chamo de Beto. Ele é muito pentelho. Vive me dando cascudos e me enchendo de porrada e nunca me defendeu do Maguila. Ele é grande, ele podia ter ido lá na escola e ter dado um susto no Maguila, mas não, só fica me aporrinhando, me batendo e sendo escroto comigo. A minha mãe nunca me escuta, a minha mãe, ao invés de me defender, vive dando razão para a dona Beatriz. É por causa da minha mãe que eu chamei você. Onde já se viu uma mãe não defender o filho? Você acha isso certo, Estrela da Manhã?

– Não se preocupe mais, meu pequeno mestre. Durante sete dias nenhum desses nomes poderá lhe causar mal algum. De agora em diante você está sob a minha proteção e minha defesa, cada um deles pagará o preço por importuná-lo.

– Você vai me defender? Vai estar comigo na hora da confusão?

– Por sete dias, sim.

– Ótimo! Ótimo! Eu nem acredito, nem acredito que tem alguém pra me ajudar!

– Falta apenas um nome, meu amo. Você me deu apenas seis nomes.

– Um nome. Isso é valioso demais para eu falar assim, de uma vez. Eu vou pensar em alguém. Eu vou pensar e te falo. Não quero desperdiçar esse nome. Será um nome muito bem escolhido, pode deixar.

– Como quiser, meu amo. Eu farei o meu trabalho com o que eu já tenho. Sua diretora, sua professora, Maguila, dona Beatriz, Beto e sua mãe.

– Sim. Ótimo!

Rafael deu pulos de alegria onde estava, à beira do pentagrama. Então as velas se apagaram novamente e a imagem de seu fantasma começou a piscar na tela do celular.

– Rafael? – perguntou a voz da mãe, vinda do quarto.

Rafael arregalou os olhos e viu a tela escurecendo e o símbolo de bateria esgotada piscando duas vezes antes de apagar completamente. Correu e retirou os castiçais e as velas do chão e devolveu-os à estante. Escutava os passos da mãe vindo pelo corredor enquanto cobria o pentagrama desenrolando o tapete o mais rápido que pôde. Quando a mãe chegou à porta da sala, ele estava deitado no chão, balançando o pé.

– Rafael, o que você está fazendo aqui? – disse a mãe, olhando para o filho e soltando também uma nuvem de vapor pela boca. – Nossa, que frio é esse? Deus me livre e guarde.

Vera tocou o interruptor, acendendo a luz da sala.

Rafael se levantou e olhou para a mãe enquanto seguia para o quarto.

– Eu estava sem sono.

Vera ficou parada no meio da sala. Inspirou algumas vezes e seguiu o filho pelo corredor.

– Você estava mexendo com as minhas velas, é? Sabe que horas são, menino?

Rafael entrou no quarto, deixando a porta aberta.

– Boa noite, mãe. Amanhã a gente conversa.

Vera ficou parada na porta do quarto um instante e viu o filho se cobrir com o lençol. Ia sugerir um cobertor, mas ali não estava frio como na sala, o corredor estava quente. Aproximou-se do filho que se encolhia na cama, aconchegando-se no travesseiro, e beijou sua testa.

– Boa noite. Dorme bem, meu anjo.

Vera encostou a porta e foi para sua cama enquanto Rafael abria os olhos e olhava para o celular desligado. O menino pegou o cabo do carregador e atou ao celular, que começou a carregar. Colocou sobre o seu criado-mudo e ficou olhando para o aparelho.

– Boa noite, Estrela da Manhã.

Rafael adormeceu.